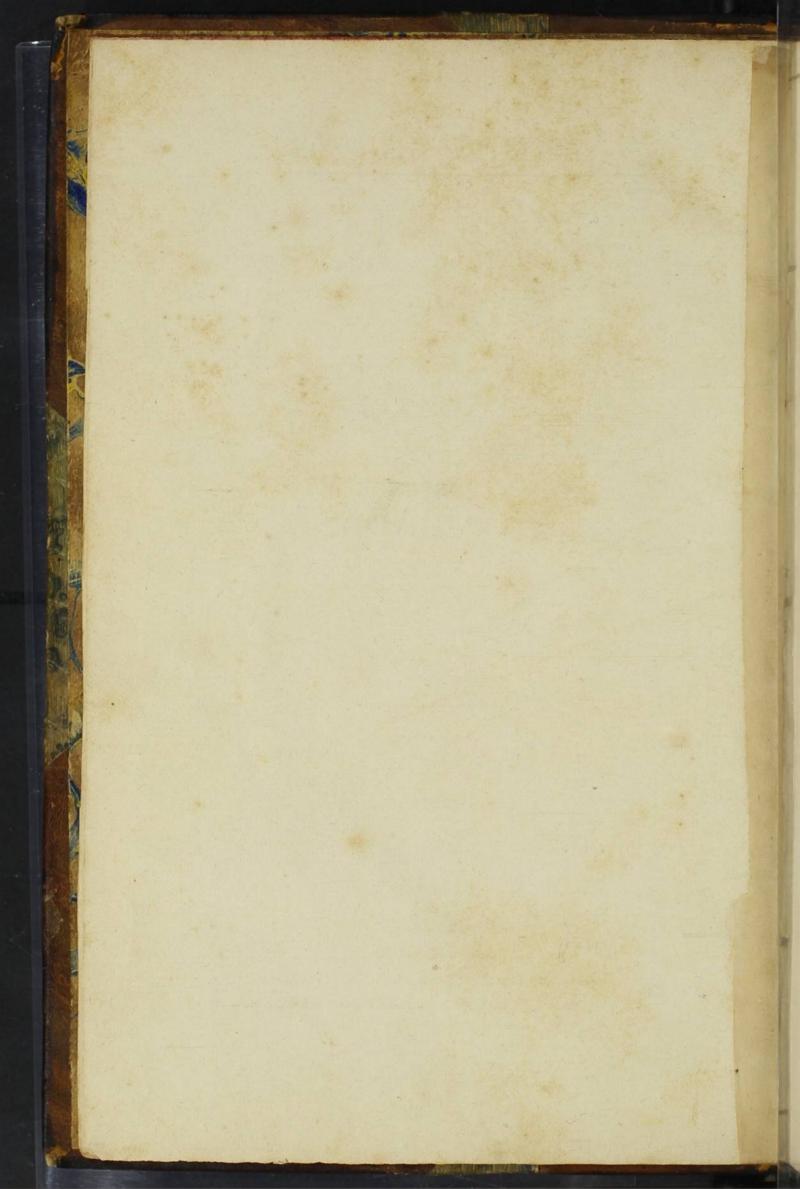


Av men charo amigo e companheiro fore Pinto do Carmo Cintra — offe o mesmo amigo, com muito prager do anetor. S. Paulo, 6 de etbril de 1845.

Lucio de Meni

ALVORADAS



ALVORADAS

VERSOS

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER

Livreiro-editor do Instituto Historico

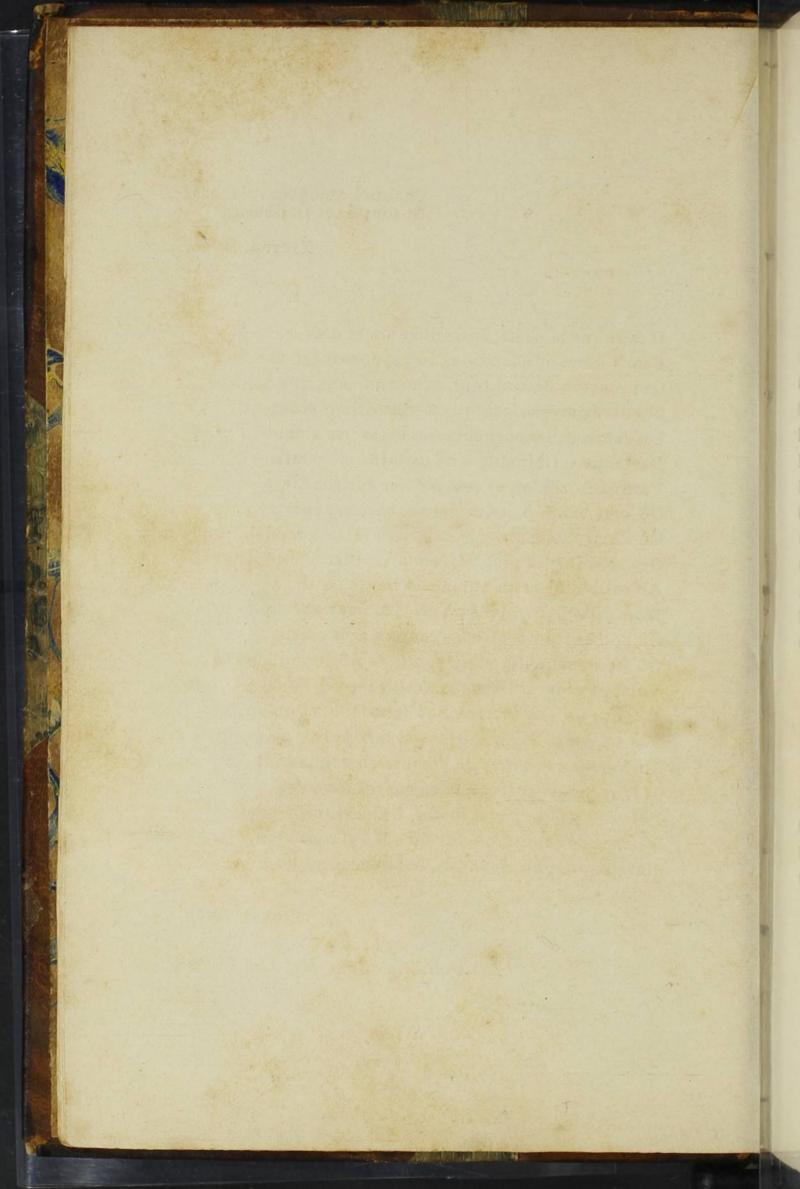
69 Rua do Ouvidor 69

1875

Typographia Cosmopolita, rua de Gonçalves Dias n. 19

As amigs presadissims

DR. ANTONIO MARTINS DE MIRANDA



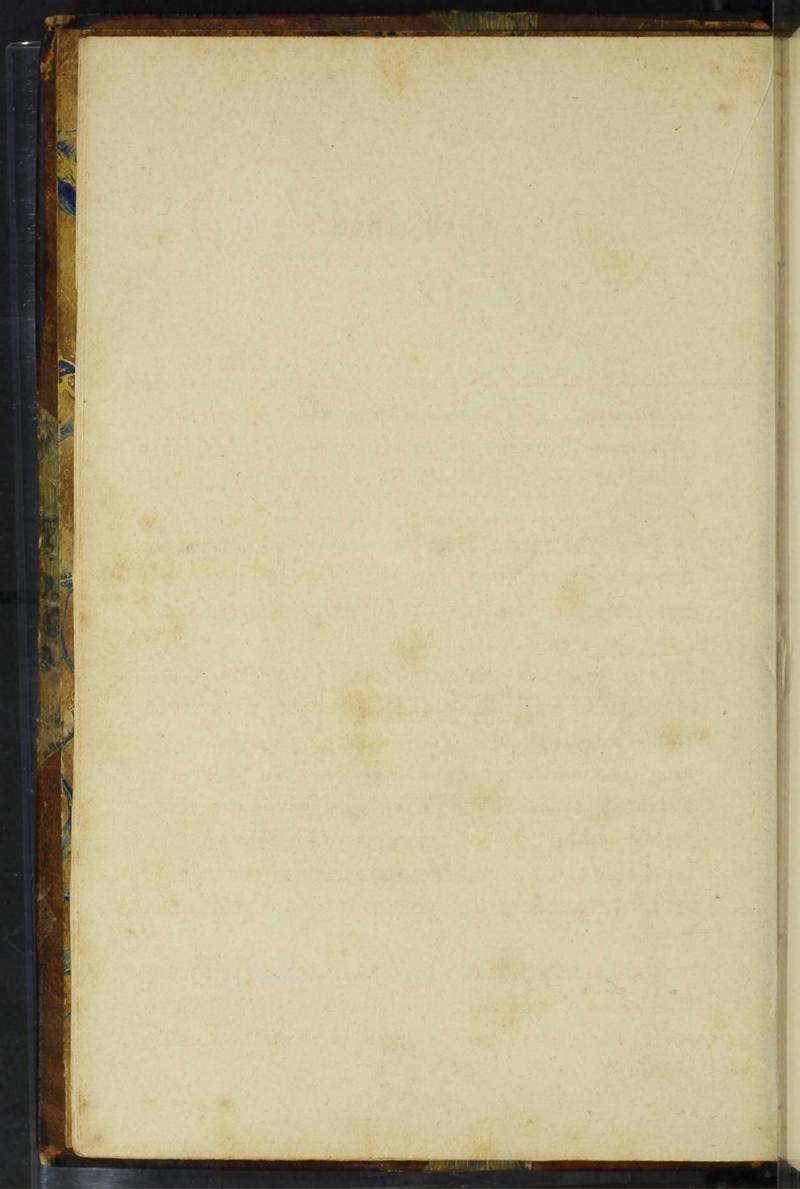
Chante l'amour à voix basse, Et tout haut la liberté!

VICTOR HUGO.

Il faut que le poëte, épris d'ombre et d'azur, Esprit doux et splendide, au rayonnement pur, Qui marche devant tous, éclairant ceux qui doutent, Chanteur mystérieux qu'en tressaillant écoutent Les femmes, les songeurs, les sages, les amants, Devienne formidable à de certains moments. Parfois lorsqu'on se met à rêver sur son livre. Où tout berce, éblouit, calme, caresse, enivre, Où l'âme, à chaque pas, trouve à faire son miel, Où les coins les plus noirs ont des lueurs du ciel; Au milieu de cette humble et haute poésie, Dans cette paix sacrée où croît la fleur choisie, Où l'on entend couler les sources et les pleurs, Où les strophes, oiseaux peints de mille couleurs, Volent chantant l'amour, l'espérance et la joie; Il faut que, par instants, on frissonne, et qu'on voie Tout à coup, sombre, grave et terrible au passant, Un vers fauve sortir de l'ombre en rugissant! Il faut que le poëte, aux semences fécondes, Soit comme ces forêts vertes, fraîches, profondes, Pleines de chants, amour du vent et du rayon, Charmantes, où, soudain, l'on rencontre un lion.

VICTOR HUGO.

(Les Contemplations, liv. I, XXVIII.)



ALVORADAS

Estas paginas de poesia, estas harmonias de minh'alma, murmurios e lamentos do coração, brados e clamores da intelligencia, são as mais desambiciosas cousas que já viram a luz da publicidade.

Vão estes versos como nasceram: incultos como o que é espontaneo, incoherentes uns como o é quasi sempre o sentimento, inflexiveis outros como deve ser a idéa.

Que desarrasoada exigencia, e que desconhecimento do coração humano, é querer, n'um livro de versos, uniformidade de sentimento! Isso póde exigir-se em nome da moral; não se exige em nome da arte. Si eu quizesse escrever um livro menos sincero, podia apagar essas incoherencias, facilmente, com sacrificio apenas da verdade do sentimento, cousa que venero intima e profundamente.

Onde a critica tem o direito de censurar a contradicção, é nos principios: a parte política e social deste livro não se arreceia da critica neste ponto. O titulo escolhido para esta collecção de versos não é novo. Depois de já o haver adoptado, mesmo por guardar tal ou qual relação com o do meu primeiro livro, Névoas Matutinas, li a noticia de um volume de poesias com o mesmo titulo de Alvoradas; quiz, desde então, baptisar diversamente o meu livro; não m'o consentiram alguns amigos, a cujo delicado empenho tive de ceder. Estas cousas, tão pouco interessantes, digo-as sómente para me desculpar do apparente delicto de me haver appropriado de um pensamento alheio.

Alvoradas chamam-se estes versos que nem têm a luz, nem as harmonias do amanhecer... Serão como as madrugadas chuvosas,— desconsoladas, mudas e monotonas.

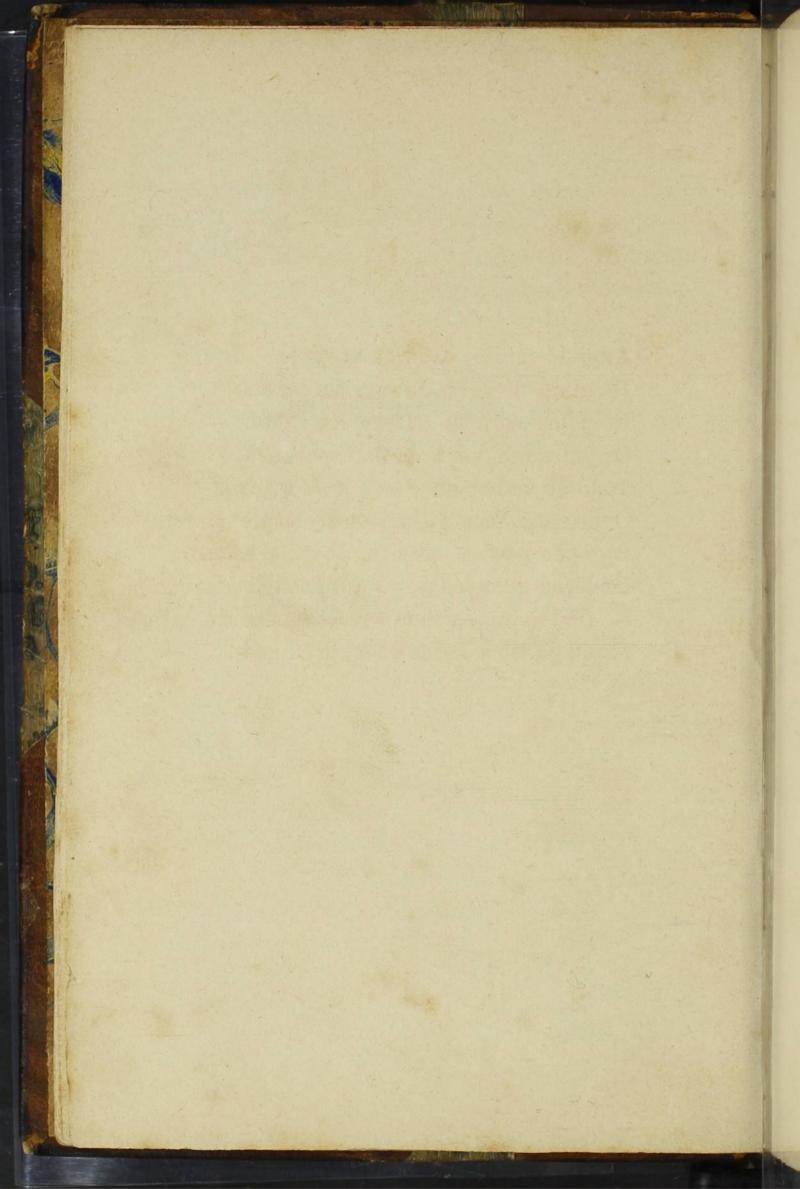
Alvoradas são tambem os toques militares com que se despertam do somno os soldados... Não poderão chamar-se assim os clamores da minha poesia, obscura sentinella republicana, bradando aos soldados da causa sancta que é tempo de acordar?

Taes são as minhas Alvoradas, harmonias do coração e do espirito, tributos de amôr sincero e de convicção profunda, que eu deponho aos pés dos dous idolos de minha mocidade: uma mulher e a Republica!

Rio de Janeiro, 1874.

PRIMEIRA PARTE

MUSA DOS VINTE ANNOS



A ...

Amo-te muito, candida creança

De olhos divinos, de sorriso casto.

No pobre coração enfermo e gasto

Os balsamos verteste da esperança.

Todo eu te pertenço — o meu futuro,

Onde amanhece a gloria entre esplendores.

E o meu passado inteiro, abysmo escuro

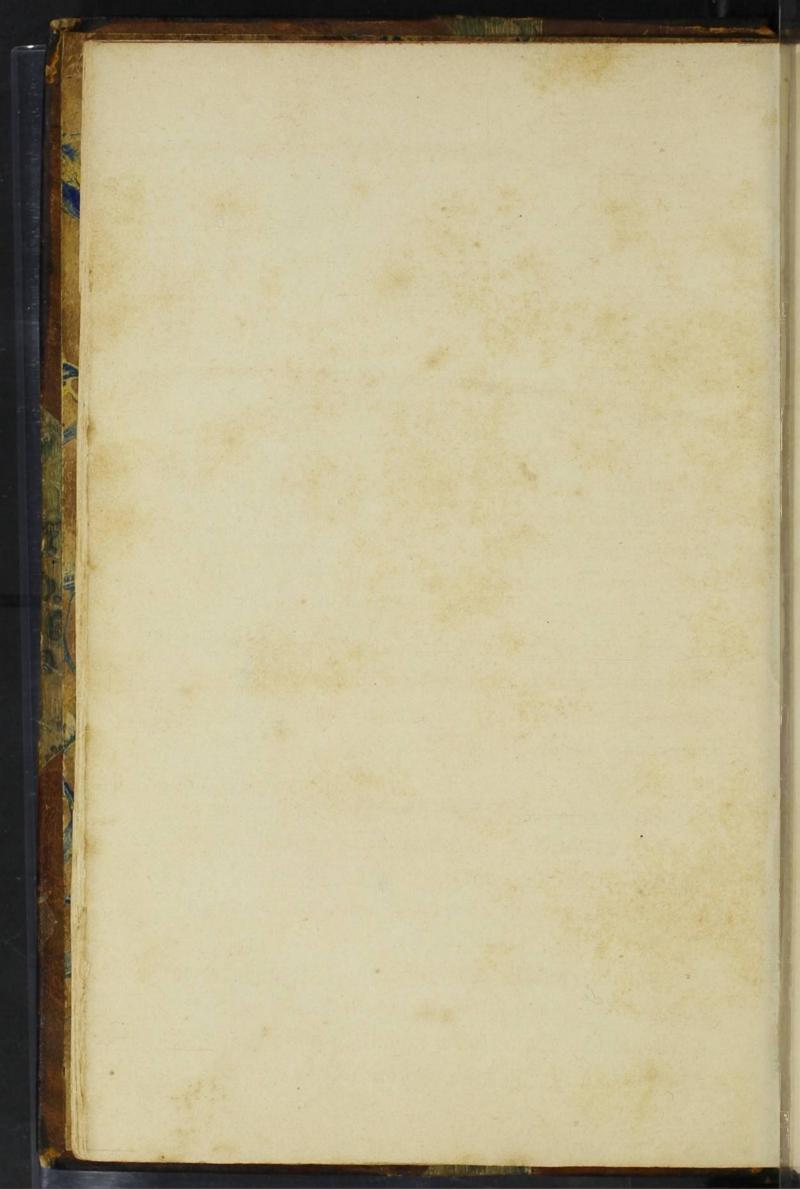
Onde ha gemidos de profundas dôres.

— Oh! sejam-te uma auréola à fronte calma

Estas pallidas luzes de minh'alma!

S. Paulo, 1874.

L. DE M.



AURORA

(AO AMIGO JACINTHO P. DA SILVA FILHO)

Na longa e negra noite em que minh'alma, a pobre, Geme lugubremente, em que a saudade chora, Rompe uma luz incerta e que mal se descobre, Um crepusculo ainda, uns sorrisos de aurora.

Ao doce alvorecer das luzes matutinas, Povôa-se a soidão e a aridez se inflora. Não sei que primavera alastra de boninas O campo; e aves mil estão saudando a aurora.

Luminosa esperança! aos seus clarões risonhos A crença resuscita, e doida canta agora! Não sei que amôr immenso enche de vivos sonhos A alma inteira. Oh! salve, abençoada aurora!

Minh'alma, patria azul do sonho e da esperança, Exila o desalento... ei-lo já mar em fóra... Purissimo se arqueia um céu todo bonança, Alumiado á luz de uma esplendente aurora! Oh hymnos de minh'alma, aves entorpecidas, A noite escura e longa e fria foi-se embora; È nado o sol que anima as azas entanguidas; Voae! cantae no espaço o jubileu da aurora!

Oh! graças, Deus, meu Deus! eu creio em ti, eu creio! Minh'alma se ajoelha, e te agradece e adora! Dás um balsamo, o amôr, ao magoado seio, E apóz a negra noite ergues no espaço a aurora!

S. Paulo, Maio de 1872.

À TARDE

Quando a fogueira do poente arde E começa um torpor suave e lento, Embebe-se tambem o pensamento Na tristeza monotona da tarde.

Esbatem-se os contornos; quanto existe Mostra faces suaves, esfumadas... Tudo amenisa-se... as paixões veladas Tornam-se calmas como a hora triste.

Como os passaros vôam mollemente Demandando dos ninhos o repouso, Passaros d'alma, vão buscando o pouso Os pensamentos, no saudoso ambiente...

O pouso hospitaleiro que, à distancia, Aos olhos nos occulta a sina austera, Aonde a esposa de nossa alma espera, Onde passou-se a descuidosa infancia.

Onde, nas horas em que a noite desce, De longas sombras inundando as almas, Nossa mãe, nossa irmã, com as frontes calmas, Erguem por nos affectuosa prece. Branda melancholia nos invade Com a doçura de um balsamo divino... Oh dona de minh'alma e meu destino, Eu lembro-me de ti... com que saudade!

S. Paulo, Ponte Grande, 1873.

ALICE

Os seus olhos são como os das pombas, sem fallar no que está occulto dentro.

CANTICO DOS CANTICOS.

Imagina um sorriso de creança, Todo candura, e juncta-lhe a meiguice De um sorriso de mãe; e tens ideado O sorriso de Alice.

Imagina um olhar — mysterio e sonho, Cheio de luz, de gloria, de doidice... Com a seducção dos olhos da mãe-d'agua; E tens o olhar de Alice.

Imagina uma grave melodia,
Tão doce como nunca mais se ouvisse,
Como nunca se ouviu na terra ainda;
E tens a voz de Alice.

Jà viste como o cysne fende o lago?
Como deslisa a névoa na planicie?
Como anda na clareira a pomba rôla?
E' vêr o andar de Alice.

Olha o macio pétalo corado

De rosa que de todo não abrisse...

O mimo da conchinha nacarada;

E' a bocca de Alice.

Si um dia visses no alcantil dos cerros A immaculada neve que cahisse, Verias, ai de mim! do que é formado O coração de Alice.

1874.

MORTA

A. DE MUSSET

(AO DR. LUIZ BARBOZA)

Era bella, si a noite adormecida No ádyto sombrio da capella, Onde lhe fez o leito Miguel Angelo, Póde, immovel, ser bella.

Era bôa, si basta que, passando, A mão abra-se e dê, sem que em verdade Deus nada veja ou diga: si é esmola Ouro sem caridade.

Pensava, si sómente o vão murmúrio De harmonioso, de suave accento, Como um arroio que sussurra e geme, Denota o pensamento.

Orava, si é verdade que dous olhos Bellos, ora fictando-se no chão, E ora para o céu se levantando, Se chamam oração. Ella houvera sorrido, si a flôrinha, Que não desabrochou nunca, pudesse À frescura, uma vez, se abrir, ao vento, Que a beija, passa e esquece.

Ella houvera chorado, si algum dia, Friamente levada ao peito seu, Sentisse sua mão na argila humana Os orvalhos do céu.

Ella teria amado, si o orgulho, Egual a essa luz que inutil mão Juncto a um tumulo accende, não guardasse-lhe O esteril coração.

Está morta, sem nunca ter vivido, Esteve só fingindo que viveu. De suas mãos cahiu emfim o livro Em que ella nada leu.

1871.

A INSENSIVEL

(A ALFREDO BRANDÃO)

Chamava-se Idalina, e tinha vinte e um annos. Era alva, esbelta, loira ... entre mulher e fada. Diziam que era estranha aos affectos humanos, Pois nunca a viram rir e nem chorar de nada.

Si désse para o mal, enchia dous infernos De réprobos. Tambem, si désse para amar, Que d'almas para o céu! Mas os gelos eternos Cobriam-lhe a alma inteira, a sua alma polar.

Era Idalina assim. Poetas em manada Sagravam-lhe do estro a luz brilhante e fátua... Mas a poesia aos pés morria-lhe esmaiada Como alvores de lua em pedestal de estatua.

Dir-se-hia que Deus, vendo-a bella, estupenda, E não querendo dar ao mundo a perfeição, Ao invez do que fez o Prometheu da lenda, Pôz estatua a mulher: tirou-lhe o coração.

Amôr, intimo hymno, harmonia divina, Musica d'anjos n'alma, eólio murmurio, Porque não lhe animaste a fórma peregrina? Porque lhe não encheste o coração vasio?

Si pudesse um momento aquella creatura, Por milagre de Deus, amar na terra álguem, O amôr que ella inspirasse era a extrema loucura, Pois ser amado d'ella era o supremo bem!

Muito peito adorou-a em sancto amôr acceso, Mas a chamma voraz se extinguia ao despreso. Mais de uma vida em flôr por ella se perdeu Em negro desespero; e nem se commoveu.

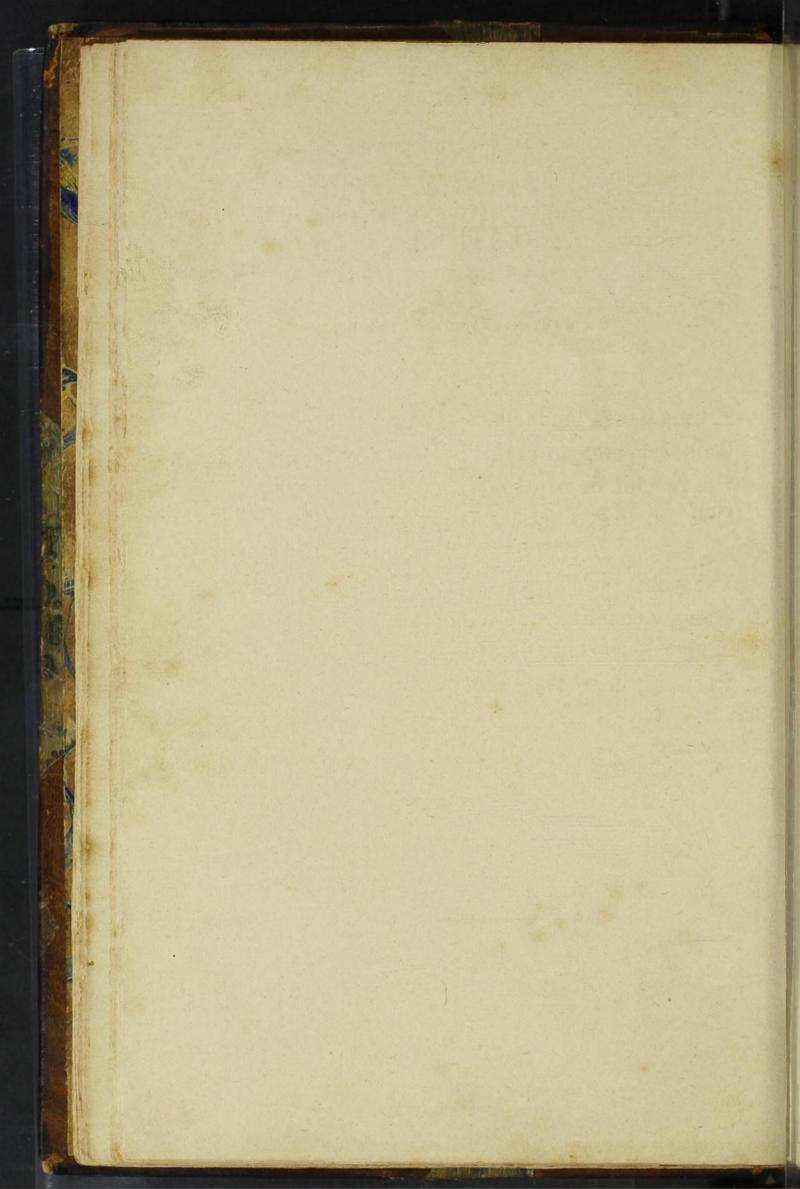
Elle era bello e loiro, um nobre cavalheiro De aspecto senhoril e modo sobranceiro. Era sceptico e rico; amantes, tinha-as mil. Tinha um limpido olhar sereno e varonil, Olhar de rei, olhar de fria magestade. Formoso como a fé, triste como a saudade, Tambem nunca sorria. Aqui tendes Raul.

Era uma linda tarde; o céu estava azul Como uns olhos de ingleza. Oh! à tarde, o Passeio Como fica bonito! Estava mesmo cheio No dia em que isto foi. Raul estava lá. Idalina lá estava: aonde o homem está, 'Stá o perigo, diz-se, e tudo a crêr me inclina.

Estava, como eu disse, uma tarde divina. No terraço, Raul, já contemplado o mar, Voltava, quando viu Idalina passar.
Olharam-se. No olhar existe um magnetismo.
O olhar de uma mulher tem sempre um quê de abysmo.
Eu não sei o que foi; o certo é que depois
Em um baile, essa noite, encontraram-se os dois.

Dizia-se mais tarde, a uma voz, na cidade,
Que partira Raul, depois da f'licidade
Maior que jà na terra um homem pôde ter.
Perdêra-se Idalina. Eu não podia crêr.
Mas assim foi. Um dia, aquella paixão toda
Abafada insurgiu-se: amou como uma douda!
Mas a um homem sem fé, que porisso a perdeu.
E sabem o que fez a insensivel? Morreu.

S. Paulo, 1873.



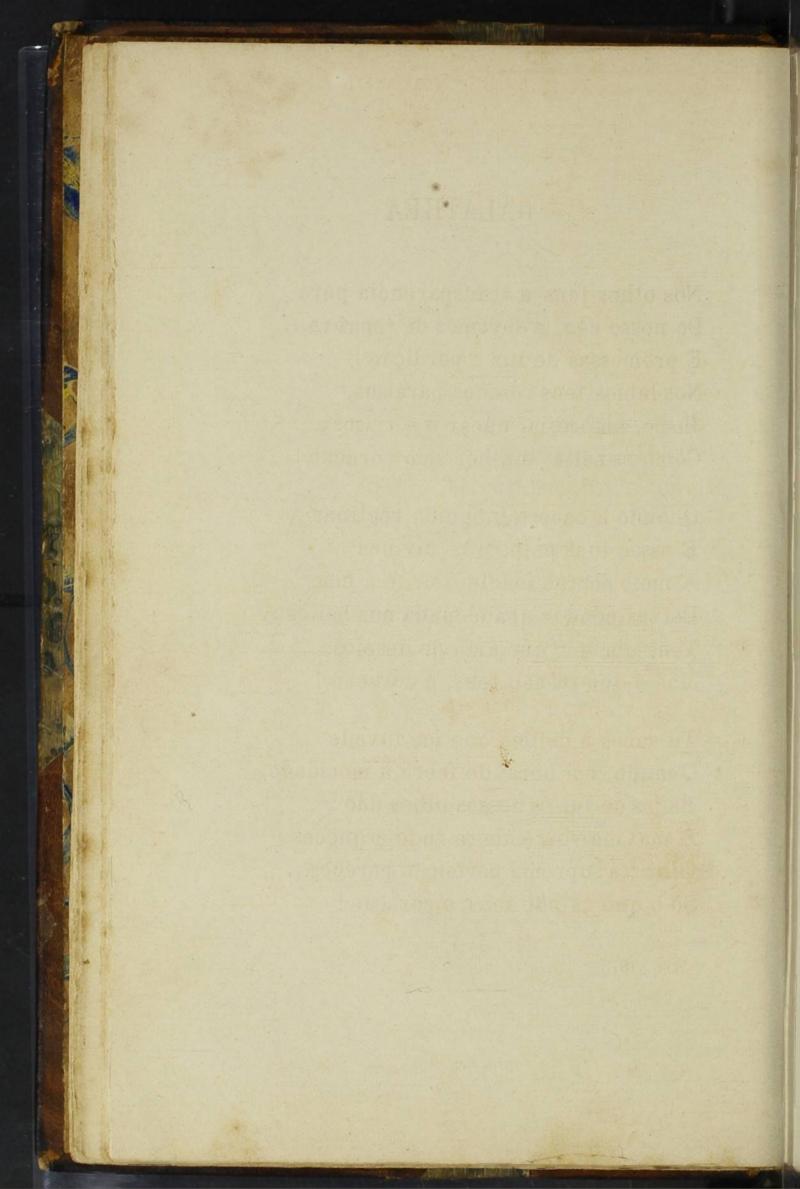
GALATHĖA

(A MARTIM FRANCISCO JUNIOR)

É uma deusa lendaria, Gelada perfeição rara, Um primor de estatuaria, Que um grego artista assignára.

Parecerá que retrato-a
Sem sentimento; que importa?
È uma belleza de estatua,
Perfeita, correcta e morta.

S. Paulo, 1874.



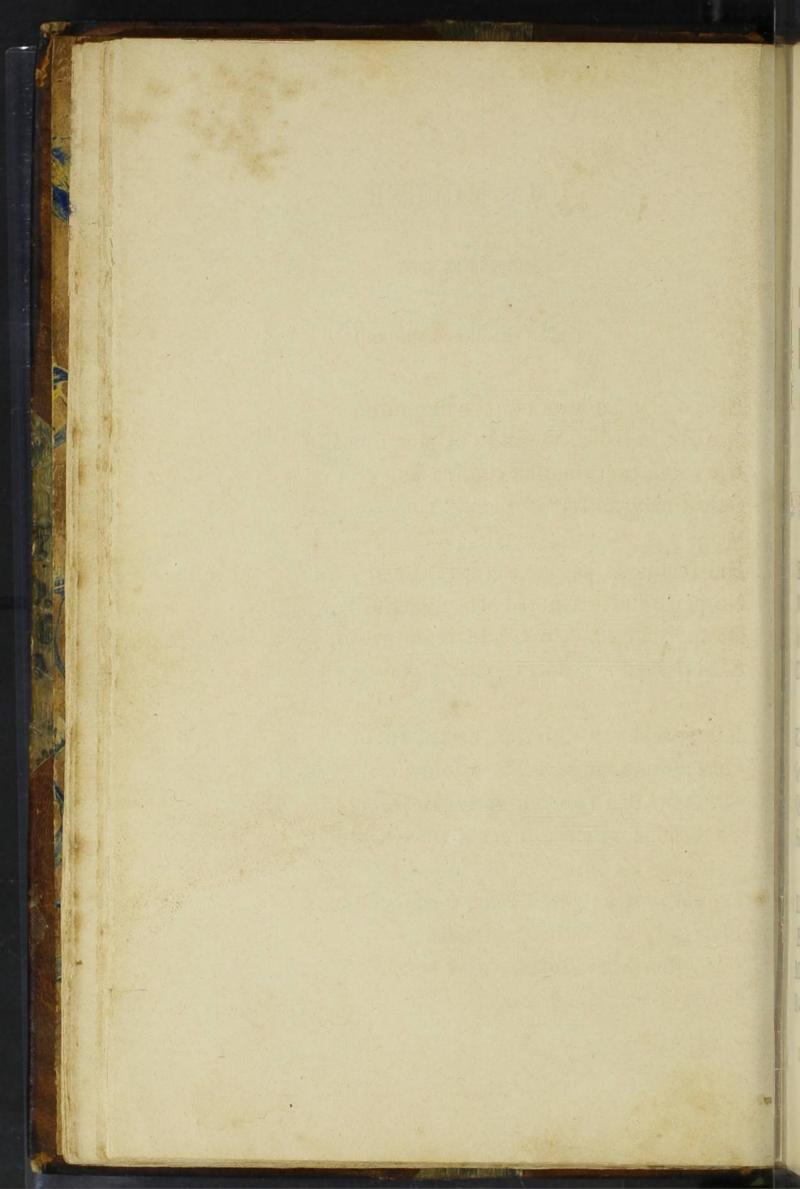
GALATHĖA

Nos olhos tens a transparencia pura Do nosso céu, e abysmos de ternura... E promessas de luz e perdição! Nos labios tens rosados paraisos, Jaspe, ambrosia, nácar e sorrisos... Como és bella, mulher sem coração!

Quando a cabeça languida reclinas
E essas tuas palpebras divinas
A meio cerras indolente... e a mão
Deixas pender abandonada aos beijos...
Tens um seio que arfa de desejos...
Mas o que tu não tens, é coração!

Tu sabes a delicia que me invade Quando, em horas de febre a mocidade, Beijos de luz os nossos olhos dão! E mal me vou embora tudo esqueces! Olha! a suprema perfeição pareces... Só o que tu não tens, é coração!

Rio, 1873.



UMA MULHER

NOCTURNO DE HEINE

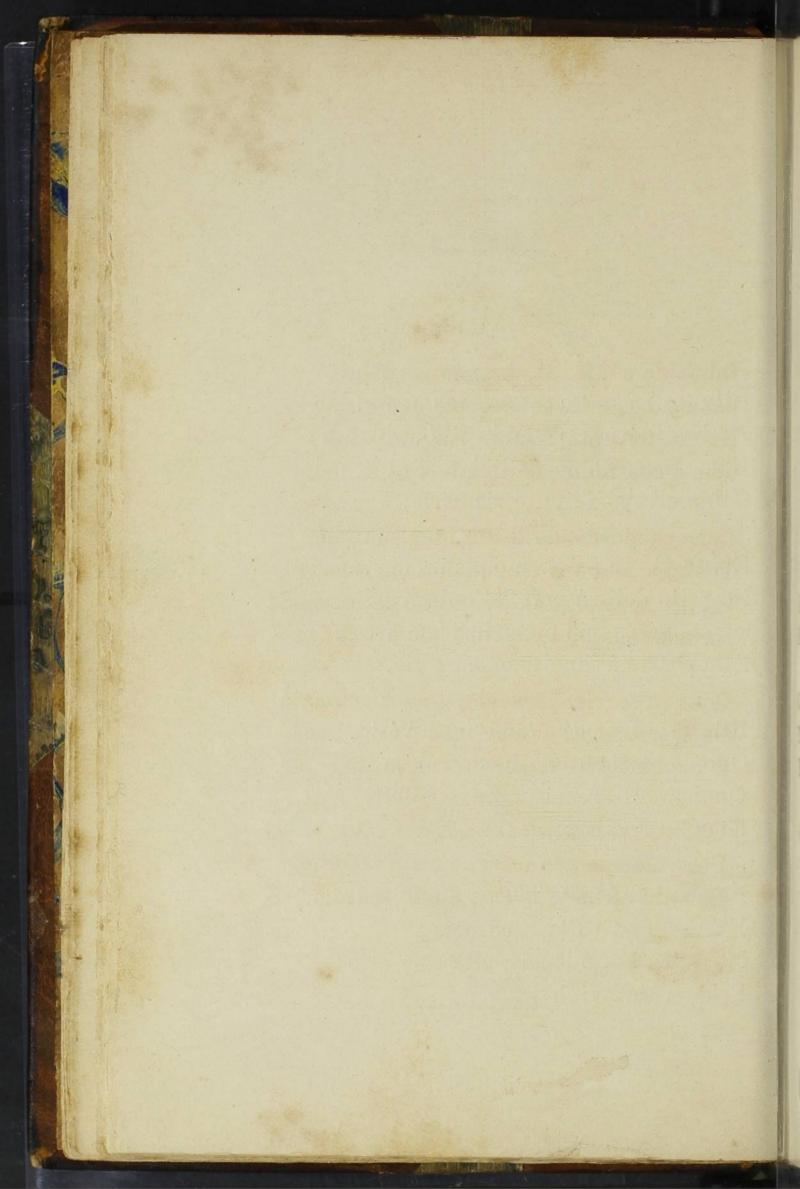
(A J. FELIZARDO JUNIOR)

Elle e ella se amavam ternamente, Ambos ladrões. Quando elle commettia Uma das costumadas ligeirezas, Cahia ella no leito, e ria e ria.

Em festas se passava o dia inteiro, No peito delle á noite ella dormia. Quando á cadeia o conduziram preso, Ella poz-se á janella, e ria e ria.

Elle escreveu-lhe que viesse vê-lo, Que de saudades della se morria. Quando ella recebeu a carta delle, Sacudiu a cabeça, e ria e ria.

De manhã, ás seis horas, o enforcaram, E ás sete na valla apodrecia; Mas uma hora depois, ella sem elle Bebia rubro vinho, e ria e ria.



LUSBELLA

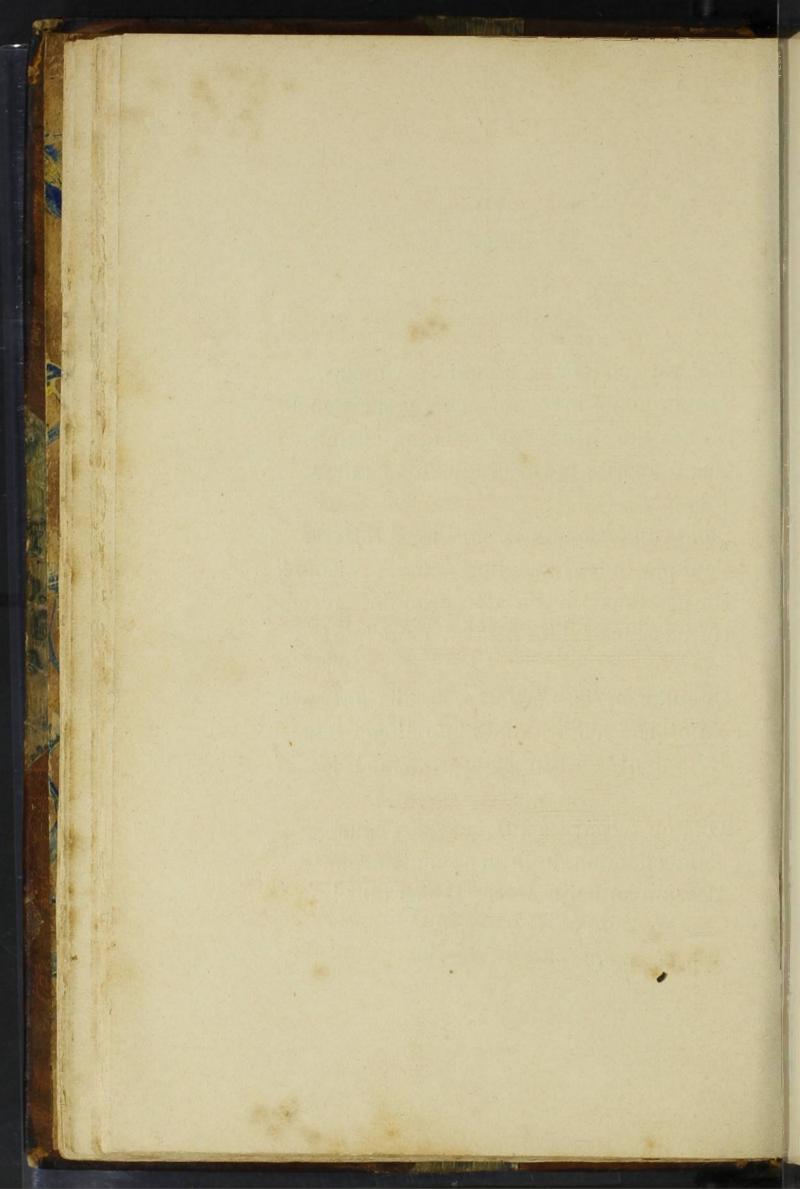
Embalde contra ti, quando perdi-me, Sancto nome invoquei como exorcismo: Ha nos teus olhos tanto magnetismo, Que à sua tentação ninguem se exime.

Lembrando-me de ti, mulher sublime, Tenho a loucura n'alma quando scismo! Ha nos teus olhos a attracção do abysmo! Ha nos teus labios o sabor do crime!

Quando sorris, perversa, tomba um ente Na eterna sombra onde não chega Deus E ha dentes a ranger eternamente!

Oh! eu trocara a luz toda dos ceus Pela chamma do inferno mais ardente, Por um só beijo nesses labios teus!

S. Paulo, 1873.



ANGELA

Ah! yo imgino á Angela, pisando estrellas en el cielo, resplandeciente de hermosura, entre los coros de los ángeles, entonando el cantico de la bienaventuranza.

CASTELAR.

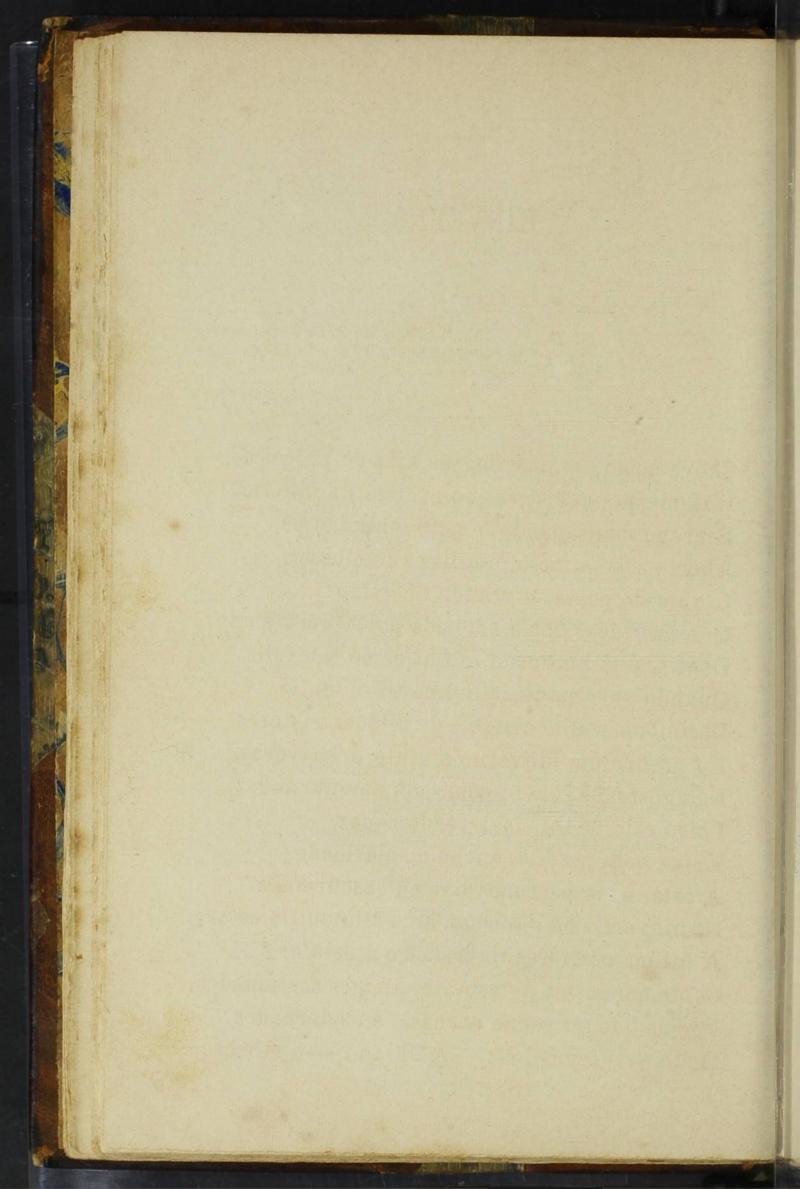
Fica na tua placidez divina, Alva e loira visão, que nunca sintas Da paixão que devora, que hallucina, As tôrvas chammas infernaes, famintas!

Nem chores nunca as illusões extinctas!...
Foge, foge do amôr, que é triste sina.
Esse demonio interno não consintas
No immaculado seio de menina.

Sonho-te sempre assim, anjo radioso, Com o sorriso cheio de carinho E innocencia que inunda-me de gozo...

Postas as mãos, mais alvas que o arminho, E embebido o olhar no azul saudoso Do céu, como seguindo-lhe o caminho.

Rio, 1874.



HINVERNO

(A EZEQUIEL FREIRE)

Chove como um diluvio, as azas da procella Rufam-me um festival nos vidros da janella. Escrevo mansamente, e aqui tenho ao pé, Aberto sobe a mesa, um livro de Musset, O querido poeta, o grande libertino Que nas taças bebia em cada gotta um hymno. Depois, é já hinverno... Ah! como sou feliz Quando vejo na terra o amarello matiz Deste bom velho amigo e de feições austeras. Eu prefiro um hinverno a vinte primaveras. Não gósto do verão; como um amante audaz, Loiro raio de sol, malcreado rapaz, Entra pela janella, enche de claridade A sala, e me perturba a doce obscuridade. No hinverno ha o socego, ha o tranquillo estar, A intima conversa, o brazeiro a estalar. Contemplam-me da estante, amigos costumados, Poetas que eu reuno em casa, encadernados, Hugo — o semi-deus — e Uhland — o mimoso,

O doce Lamartine e o Byron tumultuoso E o Méry musical, e, junctos acolá, Tre slivros que contêm cantos de sabiá, Os Cantos do Varella.

Hinverno, meu amigo Escuta-me um segredo, e guarda-o bem comtigo É ridiculo e triste. Em proximo porvir, Quando no esquecimento eu gelado dormir, Tu alastra-me o chão de folhas amarellas. Terão cahido já, mais mortas do que ellas, As minhas illusões. É que a vida se esvae Como a fumaça azul do loiro bird's eye.

O ANJO DA GUARDA

(A MANOEL CARNEIRO)

A rua estava callada. Em torno tudo dormia. No céu, a lua, afogada Pela névoa, nem se via.

Subito, assoma à janella Que deita para o jardim De uma casa, branca e bella, Uma visão. E ao fim

Da longa alameda escura Um vulto a não sorprehende. Chega-se elle, e com ternura Beija-lhe a mão que ella estende.

A mão trava-lhe da sua, Attrahe-o para o balcão. — Limpido raio de lua Illumina a scena então. Retrahe-se o crime sombrio Deante da luz tão alva! Com a face accesa em brio, A doce virgem se salva.

Já tudo quêda em repouso, E só se ouve por fim, O perpassar amoroso Da aragem pelo jasmim.

Está na camara sua
A moça; a dormir não tarda.

— Aquelle raio de lua
Era o seu anjo da guarda.

O ADEUS

Quando cheguei, a sala resoava De festivo e ruidoso vozear.

> Juncto á lampada estava, Bella de hallucinar,

A mesma que me pôz esta alma escrava.

Quando na sala entrei, ella sorria,
A creatura linda!... E era amôr
Que naquelle momento desferia
Seu labio encantador...
Porque o sorriso della é uma harmonia.

Quando a fictei, bem juncto, palpitante,
Casando olhares com olhares seus,
Estava o seu amante.
E aspirava-lhe, oh Deus!
Os magicos effluvios do semblante.

Quando me viu, saudou-me distrahida,
Voltou-se para elle, e, de cruel,
Em minh'alma dorida
Verteu ciume,—fel
Que tinha de amargar-me toda a vida.

Quando fui despedir-me, ella sorria...
Roçaram só de leve os dedos seus
Pela minha mão fria...
No entanto aquelle adeus
Era o ultimo adeus que eu lhe dizia!

O LENÇO BRANCO

Lembras-te, Anninha, pérola roceira Hoje engastada no ouro da cidade, Lembras-te ainda, oh bella companheira, Dos velhos tempos da primeira edade?

Longe dessa botina azul-celeste, Folgava-te o pésinho no tamanco... Eras roceira assim quando me déste, Na hora de partir, teu lenço branco.

Como aquella camisa que, na lenda, Deu a noiva ao cruzado, e a qual a salvo Punha-o dos golpes da peleja horrenda, Assim o lenço que me déste era alvo!

Muito chorei depois que te partiste...

Mas ainda agora as lagrymas estanco
Chegando aos olhos, em silencio triste,
Aos turvos olhos o teu lenço branco.

Ai! de esquecer-te no baldado empenho, Ainda accendra-se a constancia minha!... Que longos beijos imprimido tenho No alvo lenço que me déste, Anninha!

E as saudades,—as sombrias flôres, Lavram-me n'alma como em sólo franco... E o adeus foi morte aos infantis amôres, Foi um sudario este teu lenço branco!

Talvez,—porisso que a cidade mata
As flôres d'alma com seu brilho immenso, —
Talvez agora, creatura ingrata,
Nem mais conheças o teu pobre lenço!

Mas quando o peito que a paixão encerra Cahir-me apóz o derradeiro arranco, E fôr meu corpo abandonado á terra, ... Cubra-me as faces o teu lenço branco!

Rio, 1872.

VOLTANDO DO MAR

MÉRY

Era à hora em que o céu constella-se de mundos, Em que Deus, adornando ao que queremos bem, Sumiu com uma das mãos o sol nos mares fundos, Com a outra, a lua ergueu lá dos montes além!

Casta recordação de uma noite ditosa! O mar dir-se-hia vir do horisonte sem fim Para manso beijar com a onda amorosa Teus pequeninos pés calçados de setim.

Brilhava o astro da noite o seu disco inclinando, E, para te mostrar, accendia o fulgor Do dia; qual sultão a odalisca olhando, Por elle promettida ao seu fogoso amôr.

Com sua argentea gaze a atmosphera suave Ameigava-te o corpo e luzia-te ao pé; E, tapiz de velludo em que rainha grave Anda, a areia a teus pés amimava-os até. Eu, com a força toda e com toda a minh'alma, Oh! como desejára em minhas mãos pegar Esse instante fugaz de paixão e de calma Que passava-me alli para não mais voltar!

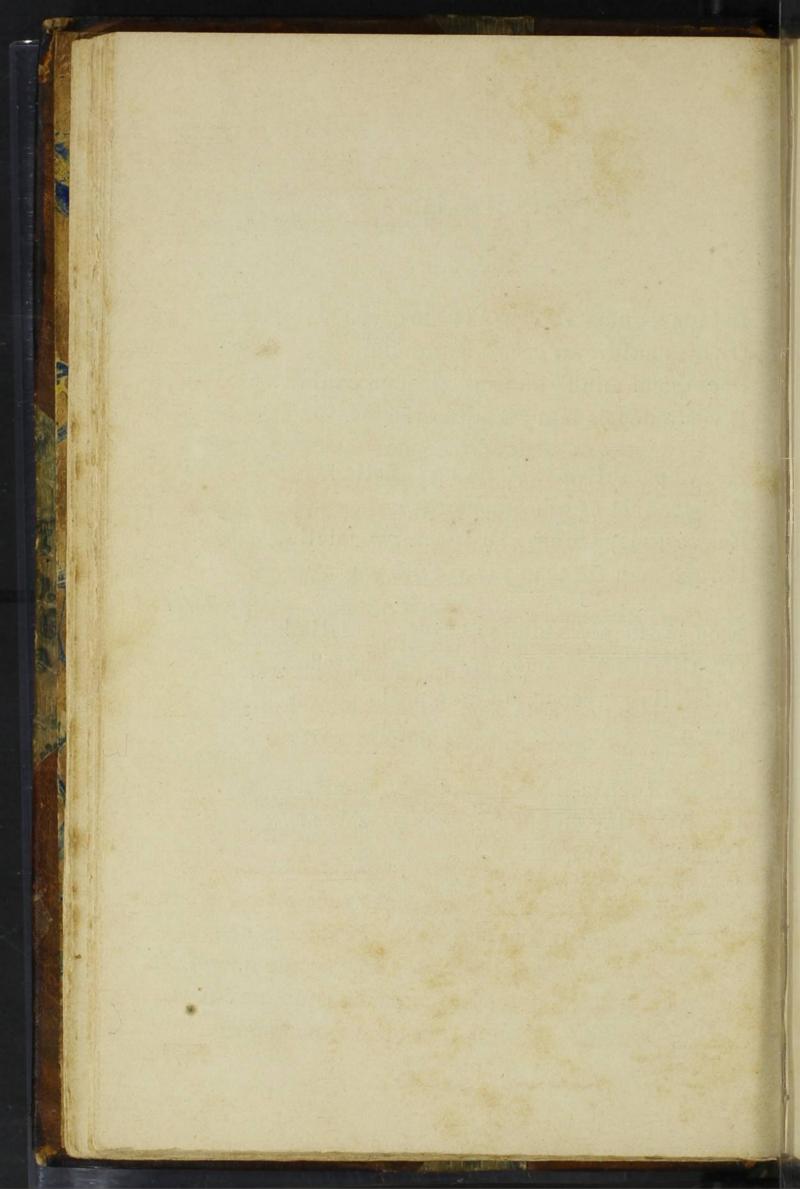
NO INTIMO

Inda mais uma vez, meus olhos, vistes O vosso enlevo, a creatura sancta, Por quem minh'alma se extasia e canta... E verte depois lagrymas tão tristes.

Estava pensativa... ainda mais bella! E distrahida os olhos demorava Em vós, meus olhos... e affastei-vos della, Porque meu coração por vós olhava...

E eu já lhe disse muitas vezes: — Calla! Occulta-me este amôr muito em segredo... Póde ella perceber, e tenho medo Que não vamos com isso magoá-la.

Porque turbar-lhe a placidez da face?...
Porque fallar de dôr aos seus prazeres?...
Ella é tão bôa que talvez chorasse...
E melhor fôra, coração, morrêres!



A FAMILIA

(A JOAQUIM NABUCO)

Riquissimo e, coitado! orpham quasi ao nascer,
Emfim o saciára a taça do prazer.
Havia naquella alma tanta esterilidade
Que nem uma esperança e nem uma saudade
Alimentava mais! Pobre filho do pó,
Tens um recurso extremo — a morte — unico e só.
Tudo é deserto aqui! Oh alma envilecida,
Levanta-te uma vez! É um direito a vida!
É um peso? Está bem: pódes deitá-lo fóra.
E raiará, quem sabe, a divinal aurora!

Vem a noite a cahir... que frio nevoeiro!

Que triste anoitecer!. . e é o derradeiro!

Já de pontos de luz o amplo céu se cobre.

Quantos astros de Deus serão teus cirios, pobre!

Vae! ouviste a rasão: não póde ser um crime.

Ouves? lá brame o mar... é profundo e sublime.

Nas frias ondas, olha! em menos de uma hora

Tu boiarás sem vida... É quasi como agora.

Partiu. Pelo caminho, olhava para os lados. Elle ia pela rua. Os homens, socegados, Recolhiam-se á casa. O que tem? porque pára? Eis por uma vidraça o quadro que avistára:

Era elegante a sala, e quente e confortada. Á mesa, juncto á luz, estava a mãe sentada. Cosia. Mais além, um casal de creanças, Risonhas e gentis como umas esperanças, Olhavam junctamente um livro de gravuras, Inclinando sobre elle as cabecinhas puras. N'um gabinete, além, que entreaberto se via, Um homem,—era o pae,—calmo e grave, escrevia. Emfim, uma velhinha. Estava agora só Porque estava rezando. Era, de certo, a avó. E em tudo aquillo havia uma paz, um conforto!.. Oh! a familia! o lar! o bonançoso porto No tormentoso mar! abrigo, amôr, carinho!..

O moço esteve a olhar.

E voltou do caminho.

A ALMA DO OUTRO MUNDO

VICTOR HUGO

(A MEU AMIGO O PADRE FRANCISCO DE PAULA RODRIGUES)

Quando a mãe chora o filho, o céu ouve os gemidos, Deus, que na mão encerra os passaros perdidos, Manda, às vezes, que volte a pomba foragida Ao mesmo ninho seu que abandonado fica. Ha intima união entre a morte e a vida, Com a sepultura, oh mães, o berço communica. Mais de um mysterio assim na eternidade ha.

A mãe de que vos fallo habitava em Blois; Em tempo mais feliz que o de hoje, conheci-a: Com a casa de meu pae a sua visinhava. Todos os bens que Deus permitte ou dá, possuia. O homem que desposára era o mesmo que amava. Teve um filho; meu Deus! que alegria ineffavel!

Tinha um berço de seda a creança adoravel; Si era o primeiro filho! a mãe o amamentava; Que suave rumor fazia à cabeceira Do leito nupcial! durante a noite inteira Estava a idear a mãe chimeras que a encantavam, Pobre mãe, e na sombra os olhos seus brilhavam, Quando, sem respirar, sem voz, renunciando O somno, se inclinava, e n'aquella attitude Escutava o dormir tão socegado e brando Da creança gentil corada de saúde. E, logo cedo, estava, orgulhosa, a cantar.

Na poltrona, p'ra traz, ia se recostar,
Entremostrando o chale o seio entumecido,
A sorrir para o filho, a chamar-lhe querido
Anjo, thesouro, amôr; e outras tantas loucuras.
E beijava-lhe os pés, rosadas miniaturas,
E fallava-lhes muito! e o menino ria,
Encantador e nú, e, por baixo dos braços,
Dos joelhos á bocca a mãe o suspendia.

Trémulo como um gamo ao qual assusta os passos Uma folha, cresceu. Crescer é cambalear Para a creança. Entrou a andar, a fallar, Tres annos completou; edade suave e bôa, Em que a palavra já bate as azas e vôa, Como um passaro novo ainda E a mãe dizia A estremecer de amôr: « Meu filho! » e proseguia: « Como elle está crescido! olhem como cresceu! Já está aprendendo; e já conhece o seu A B C. Isto é um demoninho! Já Quer calças, e não quer saber dos vestidinhos; São já bastante máus estes taes homemzinhos! Mas, emfim, já lê bem; ha de ir longe; é bem agil E vivo; no Evangelho o ensino a soletrar. »

E adorava olhando essa cabeça fragil, E mulher venturosa, e mãe de altivo olhar, Sentia o coração no filho palpitar.

Um dia, - e quem não tem o seu funesto dia ?-A coqueluche, o monstro, a negra ave sombria, Sobre a casinha branca, eis, subito, desceu. Contra a pobre creança, horrenda arremetteu, Agarrou-lhe a garganta: oh negra enfermidade! Do ar com que se vive infame deslealdade! Quem não viu debater-se um meigo e pobre ente Que ella feroz constringe em seus dedos, suffoca! Lucta; os olhos lhe invade a sombra lentamente, Um estranho estertor sahe-lhe da fria bocca, E tão mysterioso e tal que nos parece Ouvir cantar no peito, onde o alento fallece, O gallo do sepulchro á sua aurora escura. Qual fructo que sentiu da geada a mordedura, A creança morreu. Entrou como um ladrão A morte e o carregou. - Mãe, pae, toda a afflicção, O esquife, a cabeça a bater na parede, Lugubre soluçar que da entranha se expede, Oh! a palavra expira onde começa o grito; Silencio, lingua humana!

A mãe de seio afflicto, Emquanto ao lado seu, sombrio, o pae chorava, Tres mezes conservou-se ella immovel no escuro, Fixo o olhar, murmurando o quer que era obscuro, Sinistra, e o mesmo canto olhando como olhava. Não comia; de febre, eis do que ella vivia;
Não fallava a ninguem; a bocca lhe tremia;
Ouviam-na, e o pavor chegava d'alma ao imo,
Repetir em voz baixa álguem: « Restituí-m'o! »
Disse o medico ao pae: « Cumpre dar distracção Áquella angustia d'alma, e ao morto um irmão. »
E o tempo passou: dia, semana, mez.

Ella sentiu-se mãe pela segunda vez.

Do ephemero anjo ante a caminha fria,
Lembrava-se da voz com que elle lhe dizia:

« Mamãe », a meditar, muda, no leito seu.
Quando em seu seio emfim o ente estremeceu,
Que à nossa luz mortal mandou Deus que surgisse,
Ella empallideceu. « Que estranho é este? » disse.
De joelhos cahiu, no olhar sombrio lume:

« Não, não, não quero! não! tu terias ciume,
Meu filho adormecido a quem a terra géla!
Dirias: « Tomou outro o meu logar; e ella

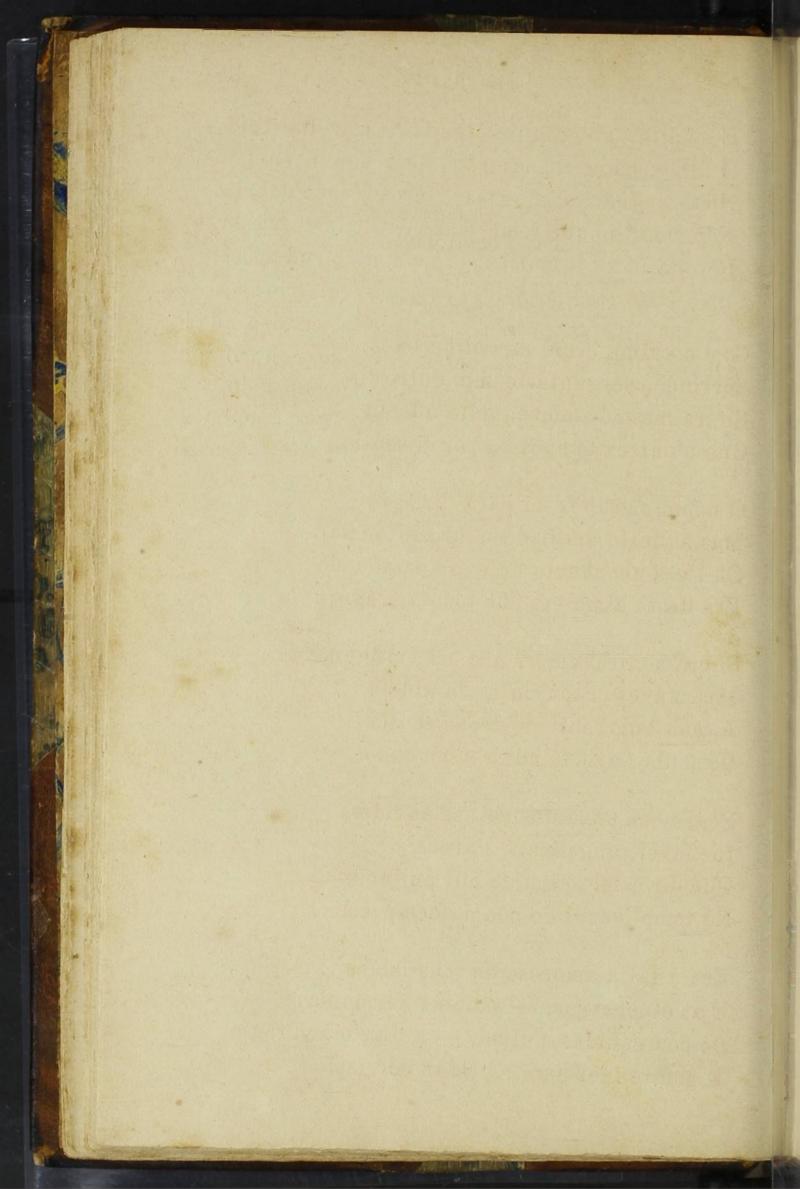
« Esquece-se de mim; ella o ama, e sorri;

« Acha-o bonito e abraça, e eu, gelado aqui! »
Não, não! »—

Assim chorava aquella dor sombria.

Dá outro filho á luz, quando é chegado o dia, E exclama alegre o pae : «É menino tambem.» Mas só o pae se alegra em casa, mais ninguem. A mãe está triste ainda, e a pallida senhora Sobre a lembrança antiga ainda se inclina agora E medita; no entanto alguem trazer-lhe veio
O filho; não se oppoz e lhe entregou o seio;
Nisto, e quando, a pensar, feroz e succumbida,
Não no filho que tem, mas nessa alma fugida,
Não na faixa infantil, porém sim no sudario,
Diz: « No tumulo o anjo está tão solitario! »,
— Oh milagre de Deus! Oh mãe recompensada!
Ouve fallar, com um som de voz bem conhecido,
Na sombra, no seu collo, o seu recemnascido,
E baixo murmurar: « Sou eu. Não digas nada. »

S. Paulo, 1874.



SI TE AMEI

Com a calma cruel da indifferença, Sorrindo, perguntaste-me, outro dia, Si era mesmo amôr aquelle affecto Que n'outros tempos eu por ti sentia.

O nome não lh'o sei para dizer-te; Mas aquelle sentir de minha infancia, Oh! era um sancto enlevo apaixonado! Era desta alma em flôr toda a fragrancia.

Si era aquillo amôr, não sei; mas quando, Nos suaves crepusculos da aldeia, A meu lado sentindo-te, eu sentia De sonhos e de fé minh'alma cheia,

Soava-me uma musica aos ouvidos, Ineffavel, angelica... Parece Que deve ser assim de mil anjinhos No templo azul do céu a doce prece...

Era a falla amorosa de teus labios...

E as esperanças, — sanctas harmonias

Do céu cahidas n'alma, — a flux me vinham

A mente inebriar... pois tu sorrias.

E quando, á noite, no serão tranquillo, Naquella suavissima postura, Calma e serena, eu via-te sentada Á mesa, e a fronte curva na costura...

Que planos de futuro então surgiam-me No espirito encantado!... era, ai ! não rias !... Era comtigo um lar no ermo... occulto... Cheio de paz, de sombra e de harmonias...

Onde, á tarde, cantassem no arvoredo As avesinhas gárrulas... aonde Estivesse comnosco a f'licidade Que no intimo lar se aninha e esconde...

Onde, nas tardes de verão serenas, No vão de uma janella a sós comtigo, Fallassemos, — eternos namorados, E olhassemos o céu azul e amigo.

Ha tanto tempo já!... não é verdade?

Já não te lembras de mais nada... eu sei ...

E esta saudade a consumir-me sempre!

... E perguntas-me ainda — si te amei!

SIC FATA...

Assim, Marilia, Se acaba tudo.

GONZAGA.

Barbara lei do destino! Era amôr, é amisade. Prosaica realidade Fez-se o poema divino.

Tu eras creança e linda, Eu era terno e creança... Lembras-te quanta esperança? Mas, dize, lembras-te ainda?

Quantas vezes eu dizia,
Fascinado de teus mimos:

— Tudo isto quanto sentimos,
Tudo ha de acabar-se um dia! —

E tu ficavas tão séria A olhar-me tristemente Com o teu olhar innocente Embebido em luz etherea! Eu bem dizia, estás vendo, Já nada resta d'aquillo! O sonho azul e tranquillo Aos poucos se foi perdendo.

Pobre affecto casto e doce!
Pobre amôr! pobre coitado!
Dorme na paz do passado.
Era destino, acabou-se.

Icarahy, 1874.

ANNIQUILAMENTO

Ouves? morrem no espaço

Da ave-maria os derradeiros dobres...

Era assim nesta hora que, sentada

Na cadeira cingida por meu braço,

Escutavas a languida toada

Das minhas canções pobres.

Meus olhos, estás vendo,
Enxutos brilham; tambem eu já posso
Sem lagrymas lembrar-me do passado.
O primeiro martyrio foi tremendo,
Por Deus! mas hoje do romance nosso
Está tudo acabado.

As vezes, por acaso,

Quasi a perder-se, fugitiva, incerta,

—Raio de um sol que se abysmou no occaso,—

A tua imagem me atravessa a mente...

Mas nenhuma saudade mais desperta,

E passa indifferente.

Por culpa tua se extinguiu a chamma. Mas á vaidade resta-te um conforto: É que este coração que te não ama Está gelado e morto.

DUAS NOITES

Hontem, no baile, estavas tão bonita!...

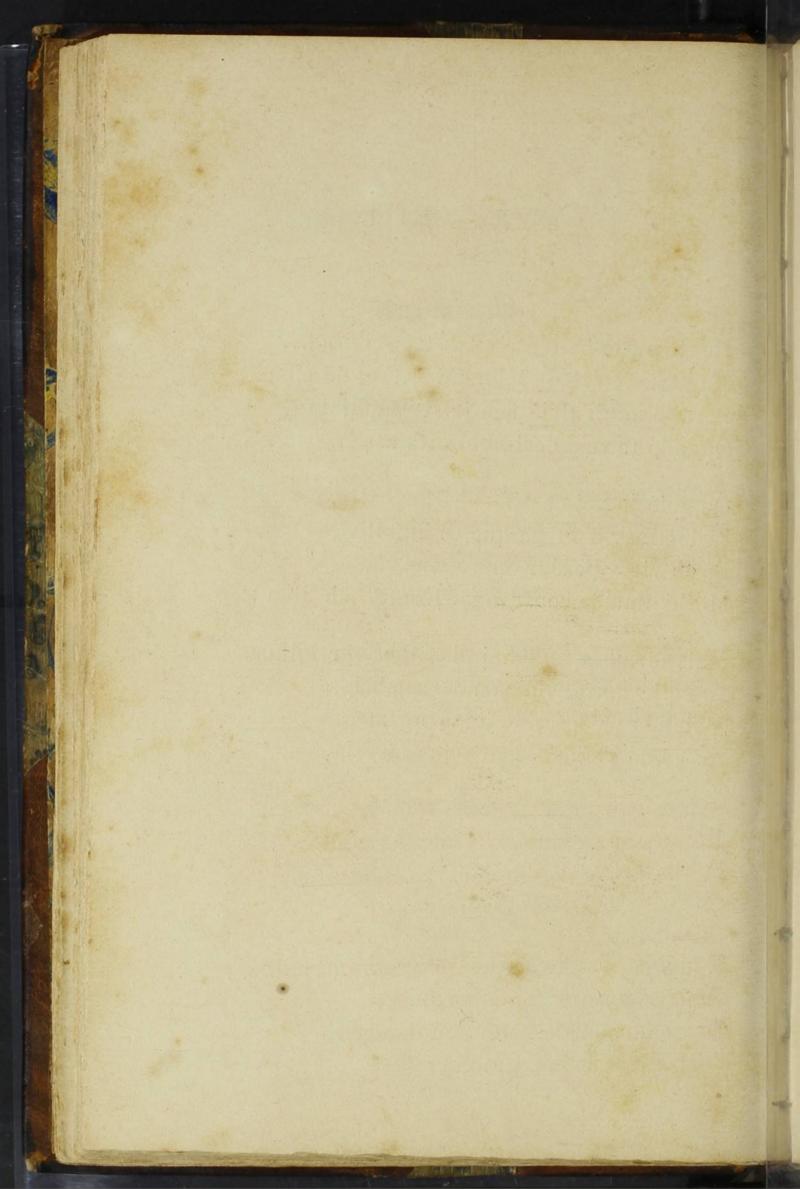
Mas tambem tão esplendida!... ai de mim!

Porque minh'alma fica triste e afflicta

Quando te vejo deslumbrante assim.

Quando te vejo assim—belleza altiva A dominar a turba que se humilha,— De te vir a perder apprehensiva, Minh'alma se confrange. Escuta, oh filha:

Mais formosa te achei, de olhos vermelhos, Aquella noite, em camara sombria, Velando piedosa, de joelhos Ao pé da velha escrava que morria.



A MENINA DO POUSO

IMITAÇÃO DE UHLAND

(AO AMIGO F. E. NASCIMENTO E SILVA)

Pela margem do Rheno vão tres moços Voltando alegres ao paterno lar, E já no pouso costumado param Por breve descançar.

-Traze-nos, velha, o transparente vinho, A espumante cerveja aqui nos dá. Que é da menina de cabellos loiros? Onde a menina está?-

Bôa cerveja nesta casa tendes,
Ha na adega tambem vinho de mais.
Minha filha... ai de mim! pallida e fria
Já no féretro jaz!—

E quando entraram no quartinho humilde Onde estava seu leito virginal, Entre dous cirios, no ataúde negro, A viram glacial. Um delles ergue o lenço que a velava,
No angelico semblante pousa o olhar:
—Si vivêras ainda, linda moça,
Mais te havia de amar!—

Outro deixa-lhe estar o véu no rosto,

E volta-se com trémulo gemer:

— Eu que tanto te amei, bella creança,

Assim te hei de vêr?—

O terceiro chegou-se, e, desvelando-a,
Nos labios d'ella os labios foi collar
N'um doce e casto beijo:—Amei-te, amo-te
E sempre te hei de amar!—

A VOLTA

(A ALMEIDA SARINHO)

É tudo o mesmo. No arvoredo ao lado Inda as brisas murmuram como d'antes... Inda no céu da tarde avermelhado Grupam-se as mesmas nuvens cambiantes...

Os mesmos grillos cantam no terreiro...

Inda embebem-se as auras nos perfumes
Do morro agreste... No hervaçal fronteiro
Accende a noite os mesmos vagalumes...

Era assim mesmo outr'ora... Pela estrada Volta o trabalhador e vem cantando... E das aves em busca da pousada Passa nos ares o ligeiro bando...

Nada os astros perderam do seu brilho...
A serrania está como deixei-a...
Era assim que eu sonhava-te no exilio!
Tu eras mesmo assim, oh minha aldeia!

Nos labios da mulher com que eu sonhava Ha o mesmo sorriso... ainda caricias Tem o celeste olhar que me enlevava E que n'alma vertia-me delicias...

Nada mudou-se aqui... Só eu que venho É que o mesmo não sou! Ai não sou, não! sómente as fórmas tenho De um outro que sonhava... e que acabou!

EXPERIENCIA

Conta a fabula que um dia
No monte estava um pastor;
Era de tarde; fazia
Um tempo esplendido; a côr
Do occaso punha vermelhas
As aguas lisas do mar.
Na relva, as brancas ovelhas
Pastavam manso pastar.

Lá na extrema do horisonte,
Que bem longe se avistava,
Nesse momento passava
Uma vela peregrina...
O pastor viu-a do monte...
E se poz a meditar
Na sua misera sina
De levar a vida inteira
Nesse pobre apascentar
Os seus rebanhos; emquanto
Que essa vela aventureira
Ia ganhar tanto! tanto!
E era tão manso o mar!

Ei-lo que rapido se ergue,
A ambição todo o accende...
Já sem mais demora vende
O rebanho, o campo, o alvergue.
Que sonhos grandes que tem!
Que de visões seductoras!
Ås verdes ondas traidoras
Aventura-se tambem.

Cedo volta e abatido,
Pobre naufrago, sem nada!
Chóra o alvergue perdido
E a pacifica manada...
Mas trabalha, e recupera
Os calmos bens que tivera,

E quando, à tarde, no monte Foi sentar-se como d'antes, E viu limpido o horisonte E velas brancas distantes, E as ondas verdes e planas, Disse, lembrado, e sorrindo: « Oh mar, estás muito lindo,

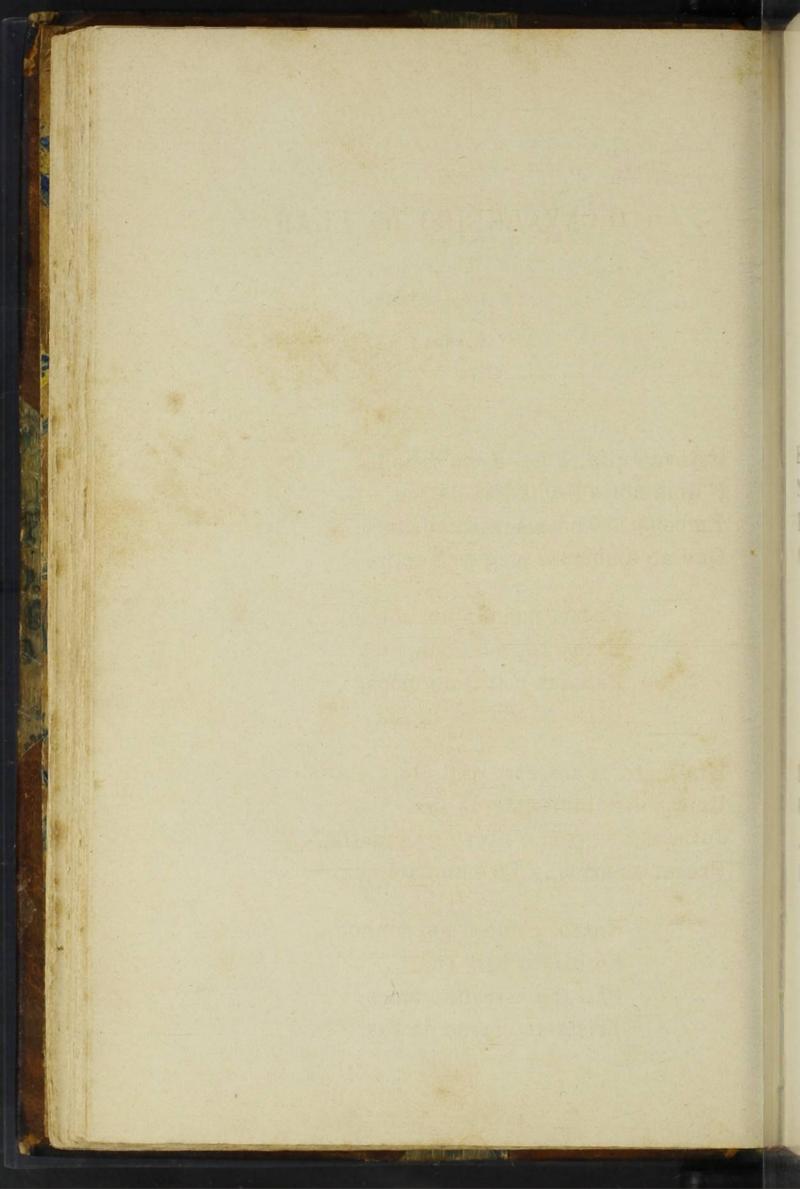
« Mas a mim, já não me enganas! »

Era um fulgido tempo de esperança, Quando a meu lado tu surgiste, um dia... Nos teus olhos azues quanta bonança! E como o teu sorriso promettia! Ousei, eu, pobre trovador sem nome, Sonhar delirios de paixão comtigo! O teu limpido olhar foi que enganou-me... Oh! que ambição, meu Deus! e que castigo!

Perdi naquelle amôr os meus thesouros Immensos de ternura, e a Esperança, A alegre musa de cabellos louros, Abandonou-me os sonhos de creança!

Hoje minh'alma em novo amôr se inflora...
Novamente de crenças enriqueço...
Embalde o teu olhar tenta-me agora:
Jà não me enganas mais,—eu te conheço.

Rio, 1873.



O CAVALHEIRO DO LUAR

(LENDA)

Estava Julia, á noite, na janella, N'uma noite lindissima de lua, Embevecida no amoroso encanto, Que no ambiente magico fluctúa.

> Então, como n'um sonho, Embaixo, pela rua, Passava estranho moço, Bello ao clarão da lua.

Era noite de festa no castello, Uma noite lindissima de lua. Julia estava com o noivo na janella, Presas as mãos, a face unida á sua.

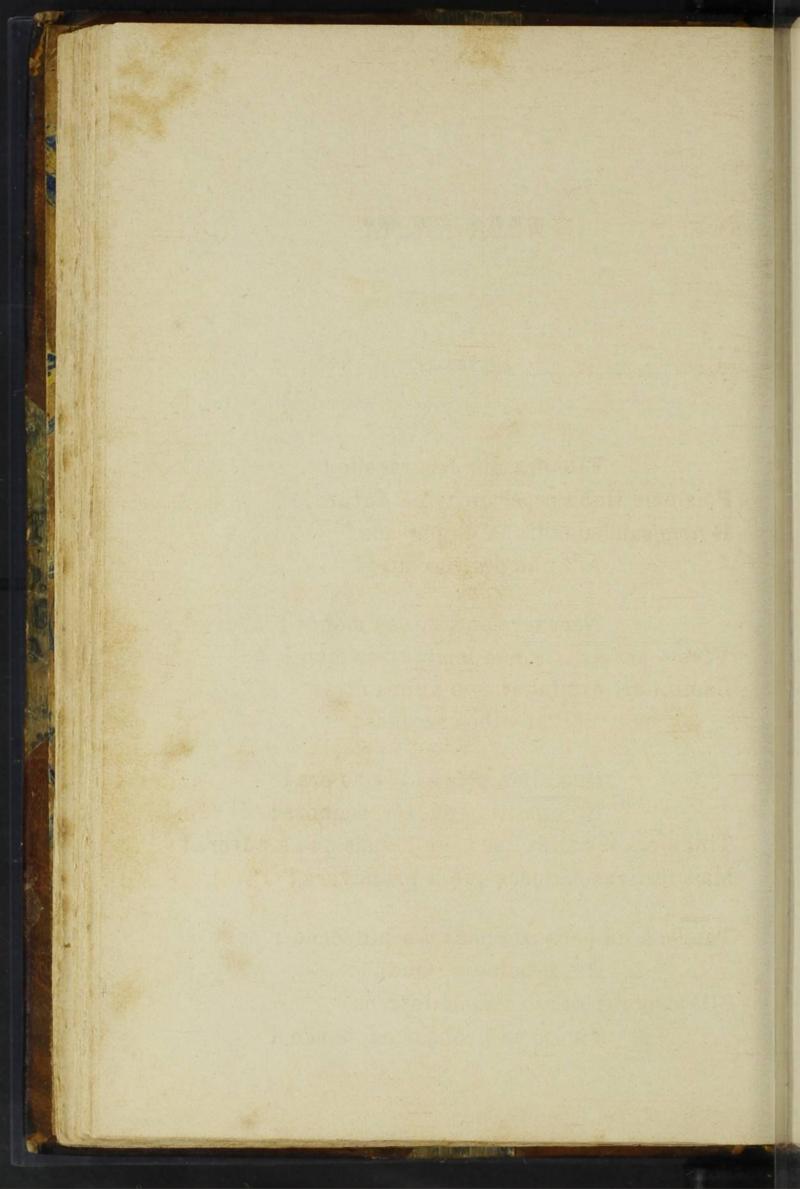
> Então, como n'um sonho, Embaixo, pela rua, Passava estranho moço, Triste ao clarão da lua.

Era noite de lucto no castello, Uma noite lindissima de lua. Estava Julia morta no seu leito, Velava o noivo à cabeceira sua.

> Então, como n'um sonho, Embaixo pela rua, Passava estranho moço, Alvo ao clarão da lua.

NO ANNIVERSARIO DE UMA MENINA

Bella flor em botão, linda mulher na infancia, Guarda bem dentro d'alma, afim que não se mude, O celeste perfume, a divinal fragrancia, Na creança — innocencia, e na mulher—virtude.



NUDA ANIMA

(VERSO)

Elle era um desgraçado!
Pois nem tinha esperanças no futuro,
E nem saudades tinha do passado!
Ai! que destino duro!

Nem ter saudade, ao menos!
Viver, passar... e não lembrar-se mais!
Caminhar, caminhar... e nunca átraz
Volver olhos serenos!

Que alma pobre!... não era?

No entanto, eu sei, senhora:

Tinha em si muita luz! oh! mais que a aurora!

Mais festivas canções que a primavera!

Tambem ha para as almas um hinverno:
É o desalento. Quando
Elle vem desolar o mundo interno,
Vão-se as crenças em bando!

Compadecei-vos delle... infortunado!

Chorae-lhe o fado escuro,

Que é não ter illusões para o futuro,

Que é lagrymas não ter para o passado!

ANIMA PLENA

VICTOR HEGO

(REVERSO)

Eu, que nos labios tive a tua taça cheia, Que já nas tuas mãos pousei a fronte triste; Que respirei-te da alma, e tanto! o doce halito, Perfume que na sombra occulto e casto existe;

Eu, que já pude ouvir de ti essas palavras Que um coração começa e o outro adivinha; Eu, que juncto dos meus já vi chorar teus olhos E sorrir tua bocca ao alcance da minha;

Eu, que já recebi sobre a cabeça em extase Um raio de teu astro, ai! sempre tão velado; Eu que já vi cahir na onda de minha vida Um petalo de rosa aos dias teus roubado;

Posso agora dizer para os rapidos annos:

« Passae! passae! pra mim não ha envelhecer!

Levae, levae comvosco as vossas murchas flôres;

Tenho n'alma uma flôr que não podem colhêr!

De vossa aza ao roçar não cahe nem uma gotta Deste vaso em que bebo, e eu enchi-o bem! Meu coração tem mais amôr que vós olvido! E mais que cinza vós, minh'alma fogo tem!»

IDEAL

(A EVARISTO MARINHO)

Oh! o meu ideal é uma loucura.

Concebe-se talvez, não se descreve.

Imagina que é uma creatura

Alva, divina, leve

Como um sonho innocente; esbelta, loura;

Anjo e demonio ao mesmo tempo; um mixto

De candura e paixão, de fogo e neve;

Ingenua e seductora;

Mulher como sómente hão de ter visto

Esses enfermos do divino mal,

Os poetas, a turba sonhadora,

Os ébrios de ideal!

Puros, grandes, azues seus olhos são, Cheios de luz, de vida e alegria Como um céu de verão Em pleno meio-dia. Quando suavemente, Em uns arroubos mysticos, divinos, Os ergue ao céu, serenos, embebidos De uma celestial melancholia,

Tudo alli para a gente

Em torno della então se transfigura...

Escuta-se uma musica plangente.

Murmurios eólios, brandos hymnos,

Como em surdina, frouxamente ouvidos,

Exhalam-se, remontam para a altura.

Abre ténue sorriso os labios seus...

E quem está perto sente
Um extase ineffavel invadi-lo,
Alvo clarão tranquillo,
Que a presença parece já de Deus.

E nunca posso vê-la

Surgir de minhas scismas deslumbrante,

Sem que logo minh'alma ajoelhada

Humilhe-se a adorar no mesmo instante...

Porque essa creatura é immaculada,

Pura como uma estrella.

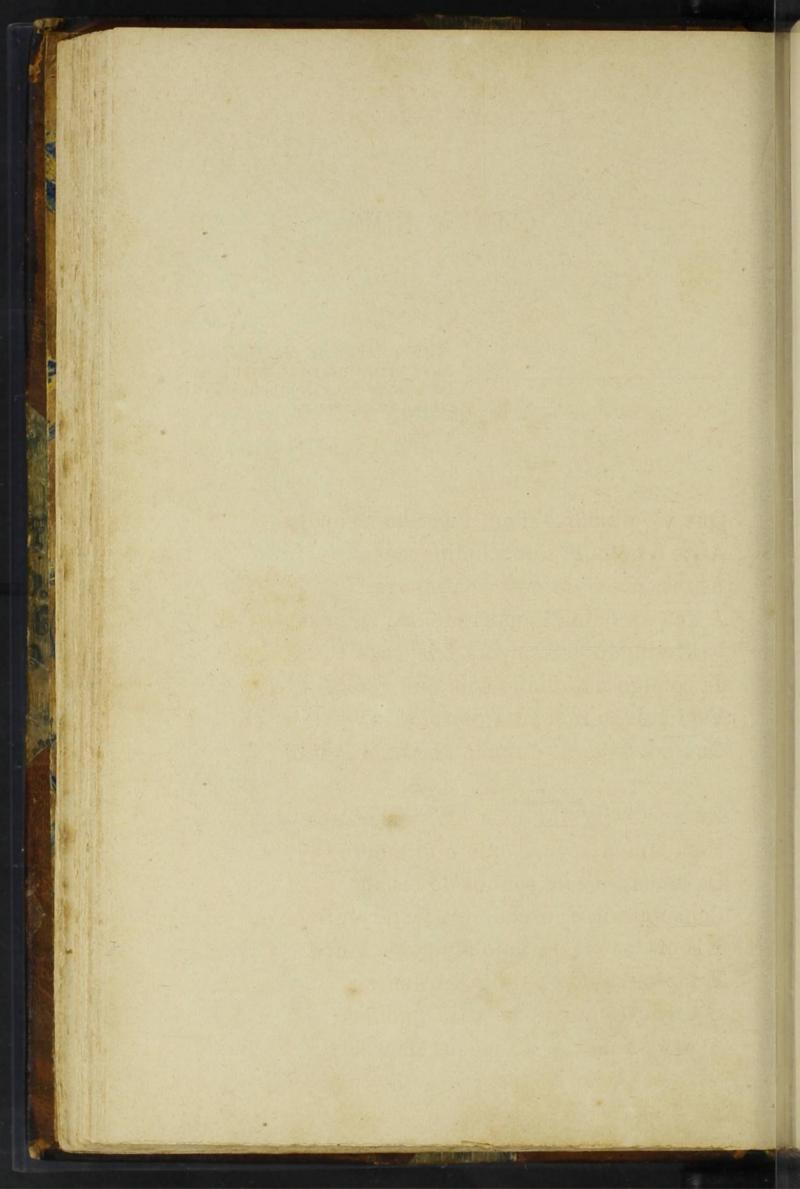
Loira visão luminosa,
Dá que minh'alma anciosa
Possa um momento gozar!
Eleva-me ao paraiso
Nos clarões do teu sorriso,
Nas ondas do teu olhar!

No teu collo deslumbrante, Oh! consente me um instante A fronte accesa de amar. Mostra-me o céu que diviso Nas ondas do teu sorriso, Nos clarões do teu olhar!

Eis a mulher que imagino,
Que em mim mesmo vejo e ouço.
Eis a doce promettida
Das minhas scismas de moço.
Oh! quando hei de vêr na vida
O loiro anjo divino!
Dá-me, oh Deus! dá-me, Senhor,
O ideal de meus desejos,
De labios virgens de beijos,
De seio virgem de amôr!

Mas, ai de mim! da pobre humanidade O meu sonho transpõe o baixo nivel: Esta branca visão da mocidade É mais do que ideal — é impossivel.

learahy, 1873.



OITAVA RIMA

Quia fortis ut mors dilectio, dura sicut infernus æmulatio; lampades ejus lampades ignis atque flammarum.

CANT. CANTICORUM.

Que vivo amôr o meu, que não se apaga Ante o gelo de tanta indifferença! Antes, mais violenta se propaga A sua chamma immorredoura, intensa. Ella vingou do tempo a fria vaga! Já comigo não tenho com que vença Esta paixão indomita, insensata, Que me devora, que me abrasa e mata!

Eu não deixo-lhe nem uma esperança,
Uma unica apenas, que a alimente!
Os meus ultimos sonhos de creança,
Consumiu-m'os a chamma vehemente!
E sobre as cinzas hoje ainda se lança,
E faz-me ainda palpitar ardente
O coração, que apóz tanta agonia
A paz da morte, ao menos, merecia.

Longe, bem longe vim desse olhar terno
Que ateiou-me no peito a luz maldicta!
Nem quando os montes embranquece o hinverno,
Nem quando a terra no verão palpita,
Voltei a vêr o brando lar paterno
Aonde a doce creatura habita.
Mas como é nulla a ausencia quando o ausente
Leva comsigo o amor incandescente!

Doida paixão que excede a natureza!
Não cabe tanto amôr em peito humano!
Bem o quero vencer... baldada empreza!
Nem o pôde matar o desengano!
Mas ha de se apagar a chamma accesa,
Ha de extinguir-se emfim o fogo insano...
Um dia, coração, has de ter cura...
É bem funda, é bem fria a sepultura!

OS CANTOS DOS MORIBUNDOS

UHLAND

(A QUINTINO BOCAYUVA)

I. - A SERENATA

« Que sons tão doces, oh mamãe, me acordam! Mas o que será isto a tal deshora? »
« Eu nada oiço, nem vejo. Filha minha, Dorme teu somno socegado! Agora Já não ha serenatas para ti, Coitadinha de filha tão doente! »
« Não foi terrestre musica que ouvi, Para que me tornasse tão contente; Era bem lá de cima que ella vinha; São os anjos que chamam-me cantando, Pôa noite, querida mamãesinha! »

II. - O ORGAM

« Inda mais uma vez tocae-me orgam, Meu respeitavel e meu bom visinho! E que as magoas do peito me adormente A piedosa musica! » Assim pede
A doente, e o visinho lhe obedece;
E nunca assim tocou tão docemente!
Já nem seu modo de tocar conhece.
É um estranho canto venturoso,
Que debaixo dos dedos lhe suspira.
Pára subitamente horrorisado...
A alma de sua amiga se esvahira.

III. — O PASSARINHO

« Bem! não irei ao jardim; eu fico Aqui deitada este verão inteiro, Comtanto que oiça o passarinho alegre Que está cantando agora no terreiro. » O passarinho pegam p'ra a menina, N'uma gaiola o prendem; mas agora Ei-lo que triste já não quer cantar, E a pequenina cabecinha inclina. Olha a creança ainda uma vez, implora

Com um ternissimo olhar.
Eis, commovida, a ave
Sólta um canto dulcissimo, suave,
E eis que os olhos da creança brilham,
E apagam-se p'ra nunca mais brilhar.

S. Paulo, 1873.

CORAÇÕES E MARAVILHAS

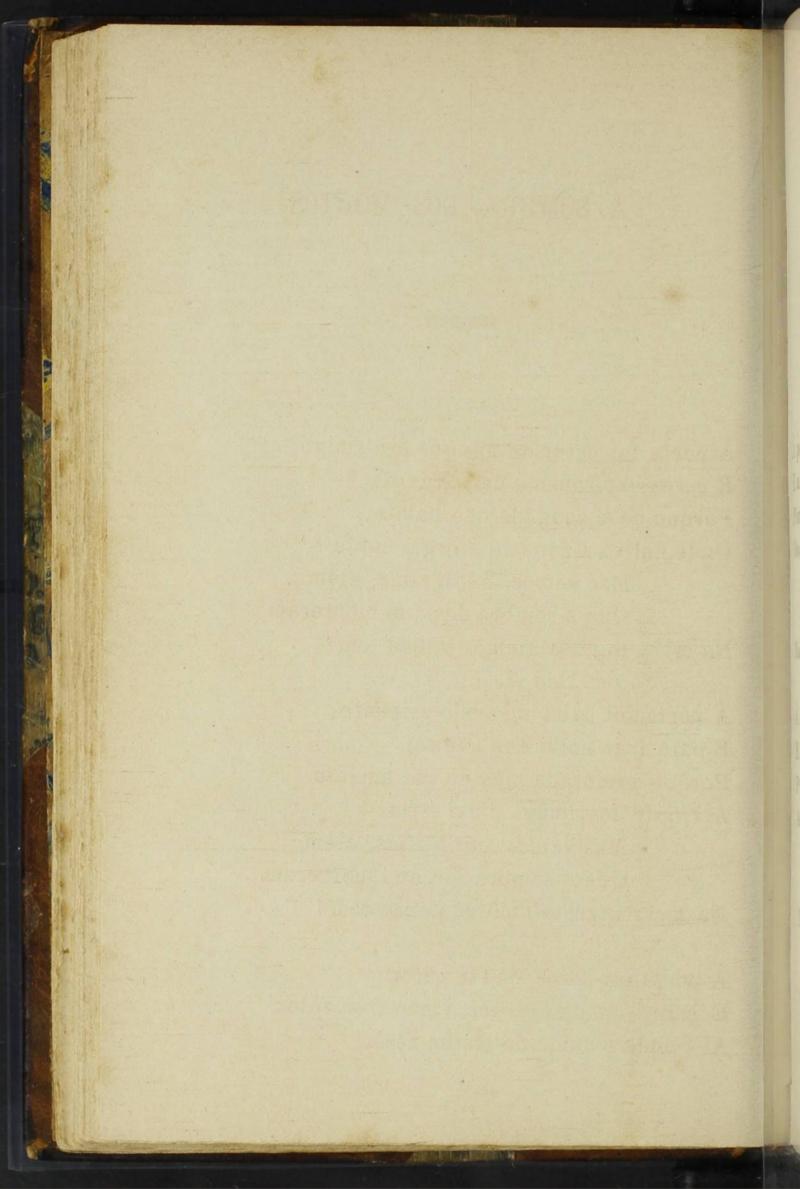
(NO ALBUM DA EXM. SRA. D. M. P. A. M.)

Umas flôres de pétalos mimosos, Que fechados estão á luz do dia, Abrem os seios ao celeste orvalho Quando a alameda está muda e sombria.

Os corações, mysteriosas flôres, Têm um sancto recato melindroso... Fecham-se á luz do sol, e só se expandem Quando desce o crepusculo saudoso.

Emquanto a rosa, a flôr desvanecida, Os rubros labios sem pudor, sem medo, Tem-nos abertos, — dessas castas flôres Guardam timidos labios o segredo.

Abrem-se à noite, quando em céu marmoreo, Oh branca lua, teu caminho trilhas. Assim tambem o coração da gente Abre-se à noite — como as maravilhas.



A SOMBRA DOS MORTOS

GUTIERREZ

À porta fui bater de um que era amigo,
E a voz expirou-me na garganta,
Porque de ti saudade não habita
Onde delira a dansa e a orgia canta!

Mas vamos, minh'alma, além:
Que a sombra dos que morreram
Na terra ingrata amigos já não tem!

À porta fui bater do amôr primeiro

E para traz volvi angustioso,

Porque a adorada mão de tua amante

A fronte acariciava d'um esposo!

Mas vamos, minh'alma, além:

Que a sombra dos que morreram

Na terra ingrata amôres já não tem!

À porta fui bater do lar paterno E cahiu-me da aldraba a mão tremente: Ai! onde o ruido do festim resôa Já lembranças não moram mais do ausente!

Mas vamos, minh'alma, além:

Que a sombra dos que morreram

Um lar na terra ingrata já não tem!

No dia melancholico dos mortos Fui ao pé de um sepulchro abandonado, E com teu nome ergui a minha prece, Por sobre o musgo delle ajoelhado.

Não fujas, minh'alma, já: Que o nome dos que morreram Só na pedra dos tumulos está!

NOITE DE LUAR

(AO AMIGO EUZEBIO DUARTE)

Pelo céu alvacento vae a lua Meiga e serena como uma alma bôa. Ha perspectivas vaporosas, calmas, Que se esbatem ao longe na garôa.

Talvez fluctuem namoradas almas Na doce claridade compassiva Destes alvos luares encantados. Do sonhador a mente pensativa

Sente olhares dos olhos adorados

Da amada longe ausente; e, na miragem

Da saudade, mais viva lhe apparece

A sua abençoada e sancta imagem.

A natureza quêda-se; parece Que, recolhida, extatica, suspensa, Escuta algum mysterio das alturas. Oh bellas almas que viveis na crença, Oh bemaventuradas creaturas Que vos amaes! Nos braços ter cingida A mulher adorada, em noite destas... Pois não é mesmo ter o céu em vida?

S. Paule, 1874.

HONTEM À NOITE

VICTOR HUGO

Hontem a brisa da noite, Cujo sopro acaricia, Das flôres que tarde se abrem O perfume nos trazia.

A noite cahia. O passaro Dormia na escuridade. Trescalava a primavera, Mais, a vossa mocidade.

Mais o vosso olhar brilhava
Do que os astros — luz perenne,
E eu fallava baixinho...
Porque era a hora solemne

Em que a alma cantar costuma Seu hymno mais doce della. Ao vêr a noite tão pura, Ao vêr-vos a vós tão bella, « Vertei o céu sobre ella! » Eu disse aos astros, e após Aos vossos olhos eu disse : « Vertei o amôr sobre nós! »

A ENJEITADA

(A J. MARIANO DE OLIVEIRA JUNIOR)

A casa tem as apparencias ricas
Da infamia feliz... alvas, rendadas
Cortinas... sêdas... galas alugadas...
Miseria que se ostenta! Ai! como ficas

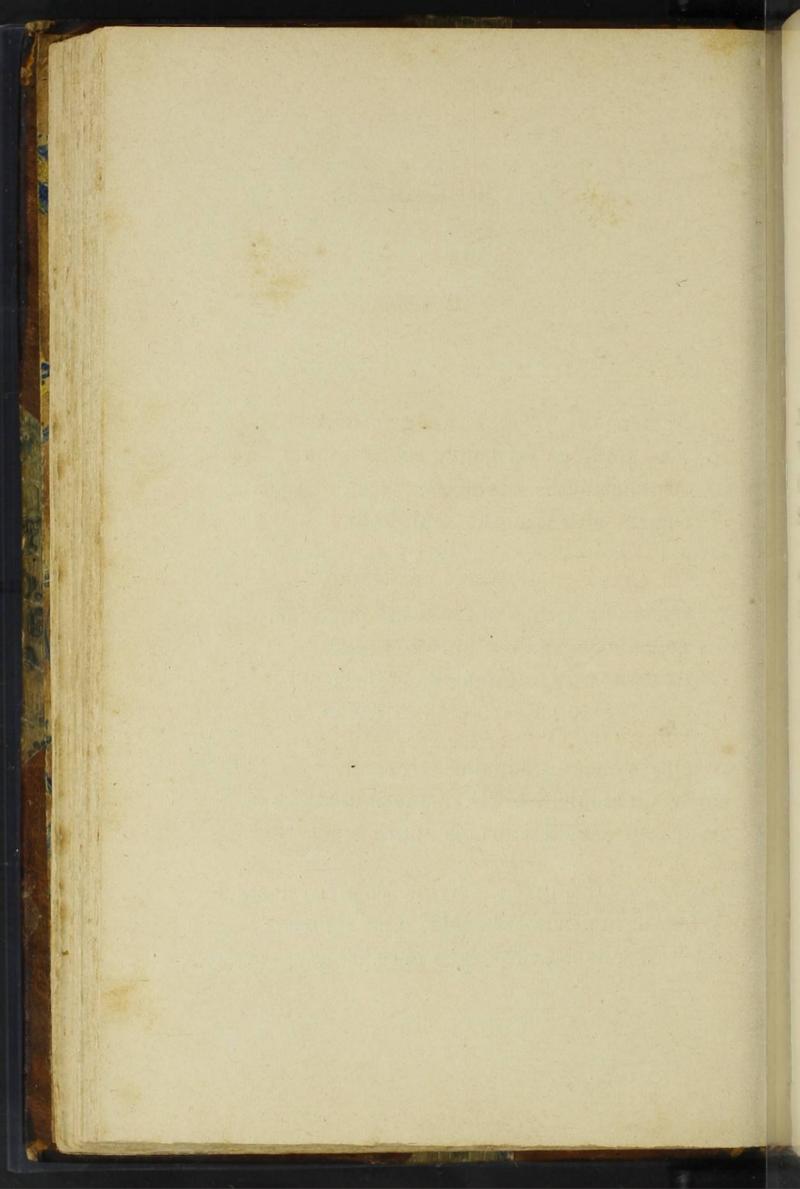
Tão triste ahi, com as faces tão pintadas, Oh pobre rapariga! e nem replicas Ás torpezas que as almas impudicas Atiram-te, ao passar pelas calçadas.

A noite vem cahindo das alturas...

Hora de amôr! No olhar que levantaste

Agora ao céu, havia idéas puras.

Depois, qual murcha flor que pende n'haste, A fronte inclinas languida, e murmuras: « Oh minha mãe! porque me abandonaste! »



BORBOLETAS

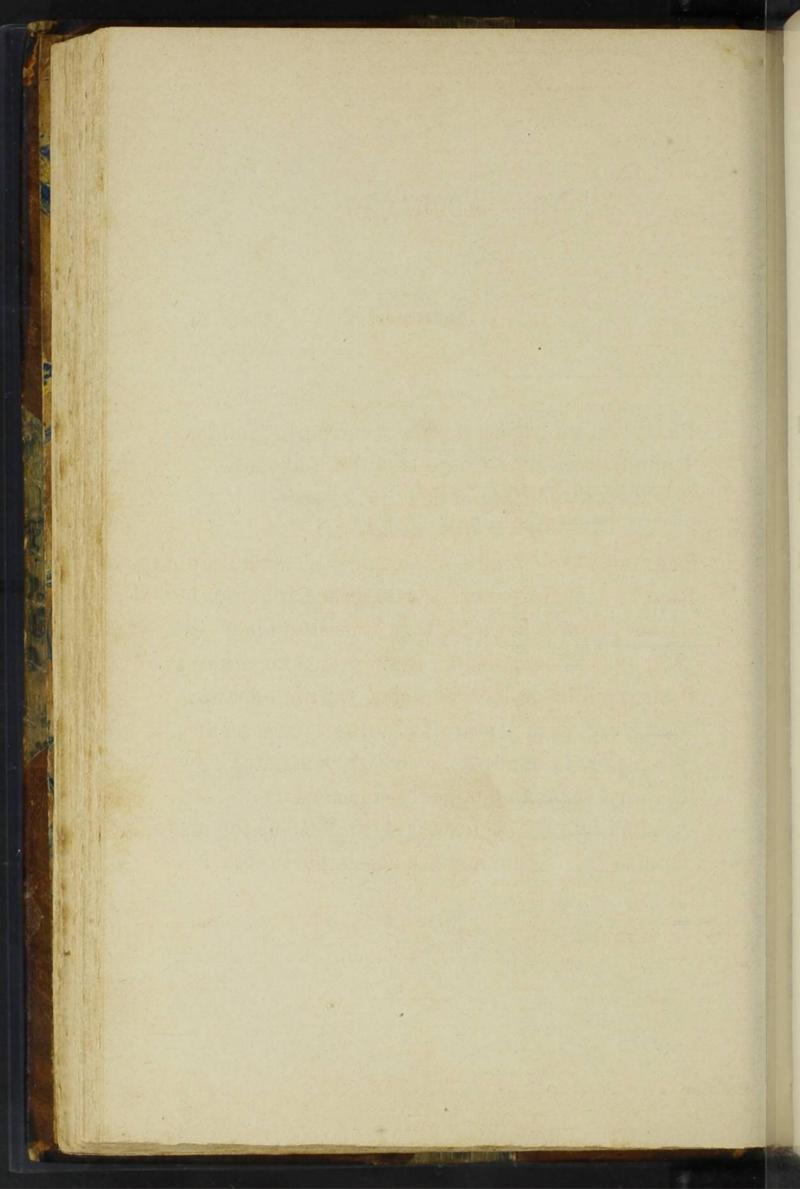
TH. GAUTIER

As brancas borboletas côr de neve Vão a adejar em bando sobre o mar. Oh borboletas brancas, que eu não possa Seguir pelo caminho azul do ar!

Oh bayadera d'olhos de azeviche, Bella das bellas, sabes me dizer Aonde iria eu, si ellas quizessem As azas emprestar-me? Sem perder

Um só beijo nas flòres do caminho, Por montes e por valles voaria, Iria aos labios teus entrefechados, Flòr de minh'alma, e nelles morreria.

S. Paulo, 1874.



ADORAÇÃO

SAINTE-BEUNE

Palavras, vibrações de um terno peito timido, Redobrae de mysterio e carinhoso accento. E sêde junto della um doce juramento! Palavras, afagae-a!

Esêmais terno ainda, oh som de voz, mais limpido, Revela occulto pranto a essa graça ingenua!

Olhar, subito brilha e languido desmaia;

Sê puro, sê bem casto, olhando-a, meu olhar:

P ois o pudico amôr que desta vez me encanta,

Desta vez para sempre! escolheu para amar

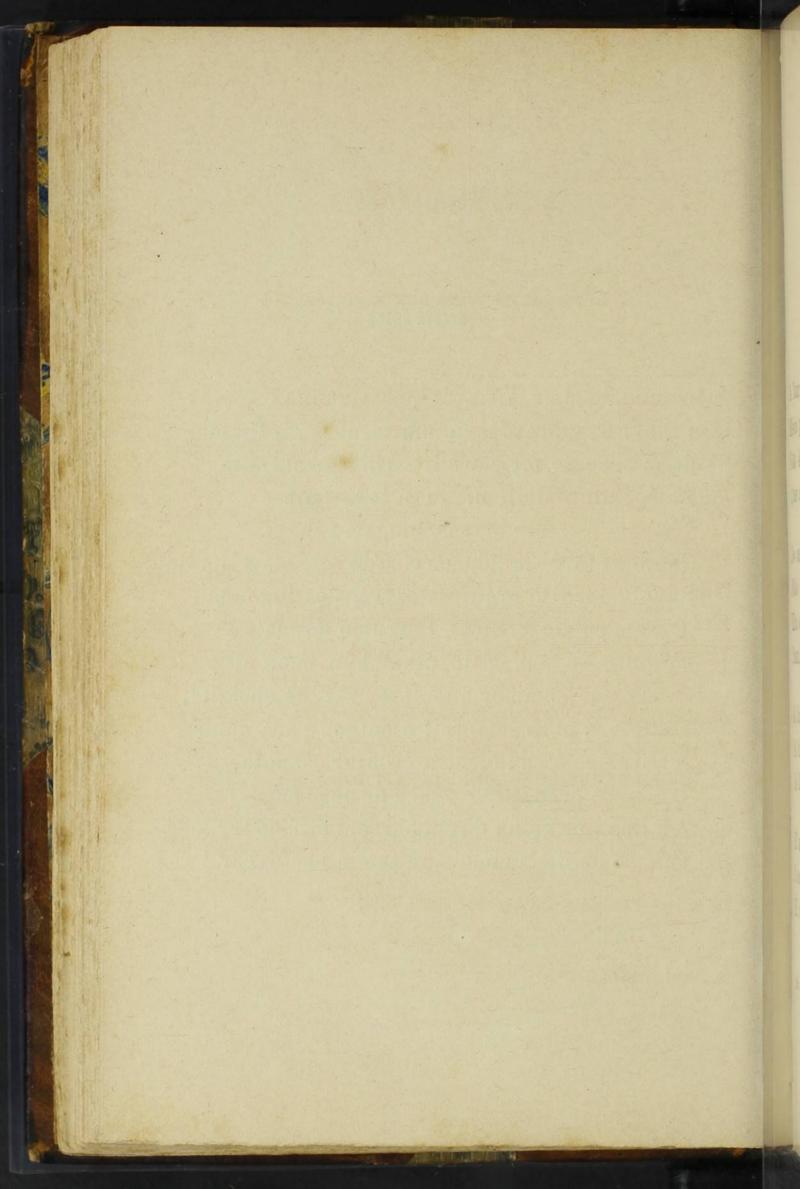
A virgem de candura, a creatura sancta,

O tenro coração que acaba de acordar,

A alma que se ha de enchersem fazê-la ter medo,

Que se ha de commover e sem a perturbar!

S. Paulo, 1873.



A MINHA LUZ

(AO PRIMOROSO POETA DAS «MINIATURAS»)

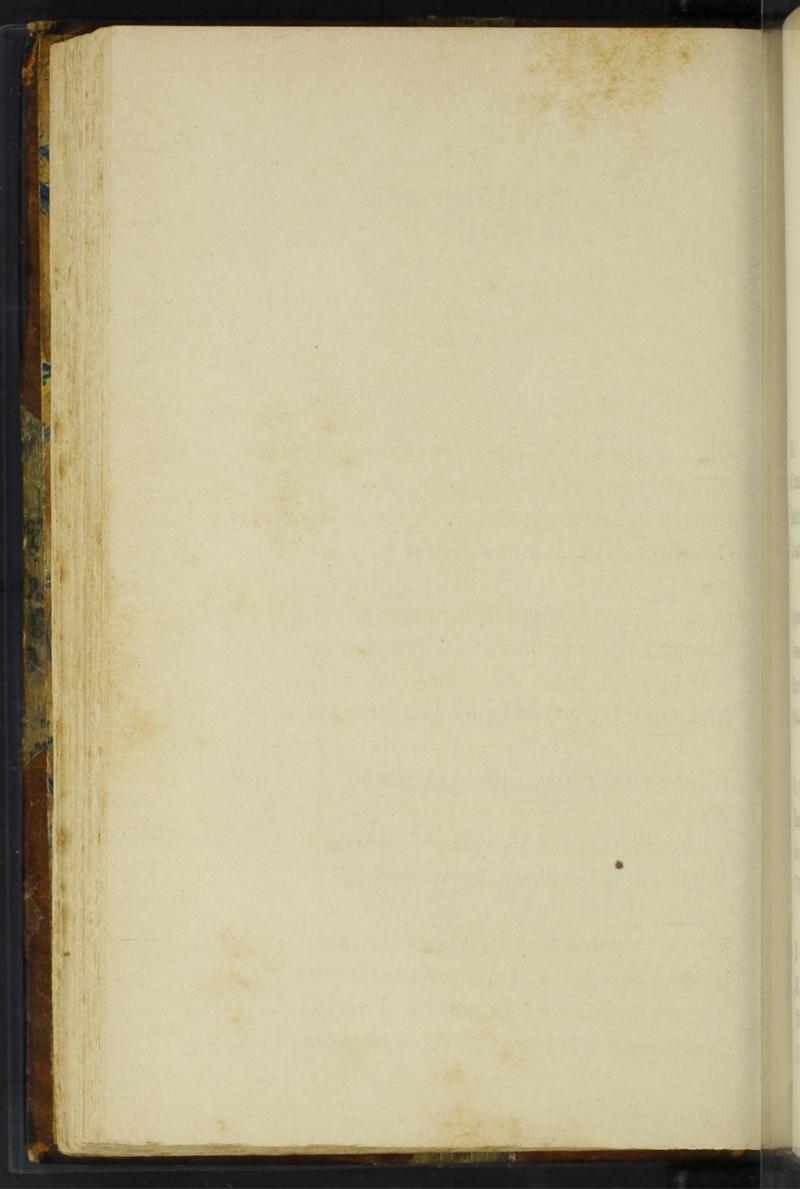
A luz que eu mais adoro, a que illumina Meu peito apaixonado e ancioso, Não é a tua luz, sol glorioso, Que alegra e doira o monte e a campina.

Do astro melancholico e saudoso Não é a branda luz alabastrina, Em cujas ondas calmas,— branca ondina, Banha-se a alma do poeta em goso.

A luz que me consola no degredo, A luz que me alumia na procella, A luz que adoro em timido segredo,

È uma luz que eu vejo da janella, Coada pelas ramas do arvoredo. È a luz frouxa do aposento d'ella.

S. Paulo, 1873.



(Elegia de Mickiewicz)

Oh! si um só dia... um dia inteiro é muito... Si uma hora só, pudesses tu viver Dentro em minh'alma!... Então é que verias, Creatura feliz, o que é soffrer!

O pensamento perturbado trago; Tempestuosos tenho os sentimentos; Morde-me a raiva o coração, nos olhos Põe-me olhares sombrios, por momentos;

E, por momentos, intima saudade Engolfa-me n'um mórbido scismar, Ou do remorso as lagrymas ardentes Vêm-me os languidos olhos arrasar!

E tu... extremos do insensato evitas, E do importuno o lamentar constante! Não me conheces! da paixão, é certo, Crestou-me o fogo o viço do semblante; Mas olha-me bem n'alma. Ahi thesouros Verás de amôr e de bondade, e mais A phantasia, com que a sorte ingrata Abranda-se dos miseros mortaes.

Hoje não pódes enxergá-los... Quando Ruge no oceano a tempestade, e ardentes Raios o abrasam, quem avista as conchas Nacaradas e as pérolas luzentes?

Antes de me julgares, olha, deixa Que volte o claro sol e ao céu a côr Cerulea da bonança. Mas que, ao menos, Bem certo esteja eu de teu amôr;

Que de tua inconstancia maltractado Não mais o coração venha a dôer-me!... Já tão medroso está!... Feliz eu seja Um só momento, e has de conhecer-me!

Como um genio captivo dos encantos De poderosa magica, assim eu Viverei p'ra cumprir os teus desejos, P'ra adivinhar o pensamento teu.

Si, de orgulhoso, alguma vez o escravo Tiver caprichos de senhor e altivo, Tu sorrirás, e has de vêr que logo Torna o senhor a se humilhar captivo. E o que te havia de mandar? Que um pouco Retardasses a hora de partir... Que o penteado ao gosto seu trouxesses... Que a occupação deixasses para ouvir

Novas canções e juramentos velhos...

E bem podias l'ho fazer, querida,

Com um quarto d'hora de paciencia ou tédio

E alguns instantes de attenção fingida.

Quando eu julgar que escutas os meus versos, Tu poderás dormir ; e si outro fôr O sentimento que nos olhos mostres, Eu n'elles, crente, só verei amôr.

Dona do meu futuro, has de guardar-me A rasão e a vontade no teu seio. E do passado esquecerei saudades, Para que nada em mim te seja alheio.

Então este selvatico delirio Que até agora se apossou de mim, Cahirá de minh'alma: de uma barca Sossobra um malfeitor e cahe assim,

Um malfeitor que com a sinistra fronte Subleva as vagas e a procella envida. Placidamente vogaremos ambos Por sobre o manso lago azul da vida. E si ainda a sorte må de nós em torno Bravas tormentas despenhar alli, Eu me elevando acima dellas calmo, Aéreo cysne, cantarei p'ra ti!

1873.

PELO RIO

(A FERREIRA DE MENEZES)

Eh! vogue, ma nacelle!

Eramos dois na canôa,
Sómente os dois. Eu remava,
Ella a cabeça apoiava
Ao hombro meu.
Roçando pelas barrancas
Iam névoas menos brancas
Que o collo seu.

Bella manhã que essa estava,
Gorgeiada, luminosa!
Quando a luz o mundo gósa,
Que bello — amar!
Alli — a onda azulada...
Perto — a terra embalsamada...
Tranquillo o ar...

Claro verão confortado,
Alegre estação bemdicta!
Como a terra está bonita!...
Que luz! que amôr!
Meu Deus! que ventura immensa
Cae do céu em recompensa
Da humana dôr!

« Pallida moça formosa,
O céu é estar a teu lado!
Dá-me esse beijo rogado,
Agora, emfim!
E assim corra tua vida
Como esta agua adormecida,
Assim... assim...»

Disse-lhe eu, e no hombro Senti trémula a cabeça Dessa creança. A travessa Corou. Depois... O lenho vogava átôa... E eramos dois na canôa, Sómente os dois!

1873.

AVE, DEA, MORITURUS TE SALUTAT

(UNICO SONETO DE VICTOR HUGO, A UMA FILHA DE T. GAUTIER)

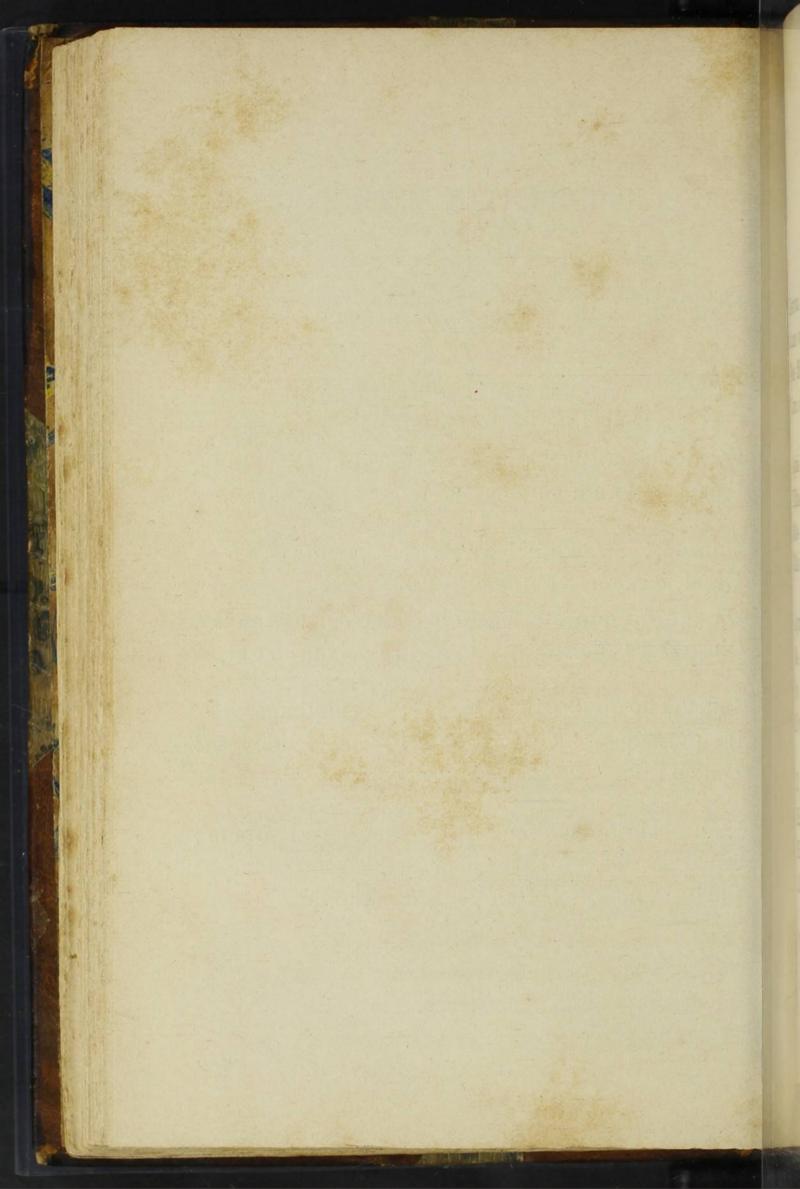
Belleza e morte são duas cousas profundas Que contêm tanto azul e tanta sombra, quaes Fôram duas irmãs, terriveis e fecundas, Encerrando um enigma e um segredo eguaes.

Morenas, loiras, ai! bellas visões jucundas, Vivei, eu morro! Amae, brilhae cada vez mais, Oh perolas que andaes do mar nas ondas fundas, Oh passaros de luz que em negra selva estaes!

Judith, nosso destino è bem mais semelhante Do que se pensa ao vêr o vosso e o meu semblante: Todo o divino abysmo em vosso olhar está,

E eu — sinto em minh'alma o abysmo estrellado; Perto do céu, senhora, hemos ambos chegado, Porisso que sois bella e eu sou velho já.

1872.



NA MATTA VIRGEM

Estou na matta virgem; amo a caça; Amo o beijo dos ventos perfumosos, Nas florestas, abysmos de verdura, Com os seus longos silencios religiosos.

Aqui o homem sente-se, orgulhoso, Filho da natureza, mãe perfeita, Mãe que o gera, alimenta, educa, enterra... Mãe sublime que os filhos não enjeita.

Aqui estou entre os meus; as velhas arvores Me abençoam, com lagrymas de orvalho; Os ventos da manhã beijam-me a face, E tenho saudações de cada galho.

E o pensamento, passarinho alegre, Estende as azas, se espaneja e vôa E canta e folga na harmonia immensa Da franca natureza honesta e bôa.

Eu, minha amada, eu não ambiciono Mais thesouros; que importa-me não tê-los? Quero as pérolas só do teu sorriso, E quero o ouro só dos teus cabellos. Basta-me o céu azul sobre a cabeça, E o claro sol, o meu brilhante amigo, E dentro de minh'alma a tua imagem, Essa porção do céu que está comigo.

Amo a minha espingarda: creio nella, Companheira fiel, ardente e linda. Creio n'um Deus que nos protege e ama; E creio nos teus olhos mais ainda.

Que brilhos da cidade são mais bellos, Que estas manhãs purissimas e claras? Que nectar é melhor que a agua bebida Pela amphora selvagem das tacoaras?

Aqui, no meio da floresta virgem, Quando a distancia se interpõe tamanha Entre nós dous, eu sinto-te a meu lado... É que o teu pensamento me acompanha.

E si da morte na estação gelada Resvalarem as minhas primaveras, Hão de chorar-me as lagrymas sinceras De teus olhos azues, oh minha amada!

Rio Bonito, 1874.

A LAMPADA

ANDRÉ CHÉNIER

(A AURELIANO DE CAMPOS)

Oh noite! eu protestara amar essa traidora;
Jurava-me um amôr eterno, a seductora,
E na jura commum cada qual te invocou.
Aos braços de outro amante a ingrata se entregou,
Promette amá-lo muito, e lh'o diz, e lh'o jura,
E invoca-te ainda, a ti mesma, a perjura!

Tu, lampada nocturna, astro amigo do amôr, Até o amanhecer, posta no velador, Dessa tua prisão de vidro alumiavas O nosso terno enleio, e lhe testemunhavas O doce prometter; mas comtigo, ai de mim! Seu amôr se gastava, e apagou-se por fim; Toda a jura tambem dessa bocca adorada, Como tu, em fumaça ei-la já dissipada. P'ra nos alumiar, ao pé do leito seu Quem te queria alli, oh lampada, era eu; E não te apagas tu ao vêr tamanho crime!

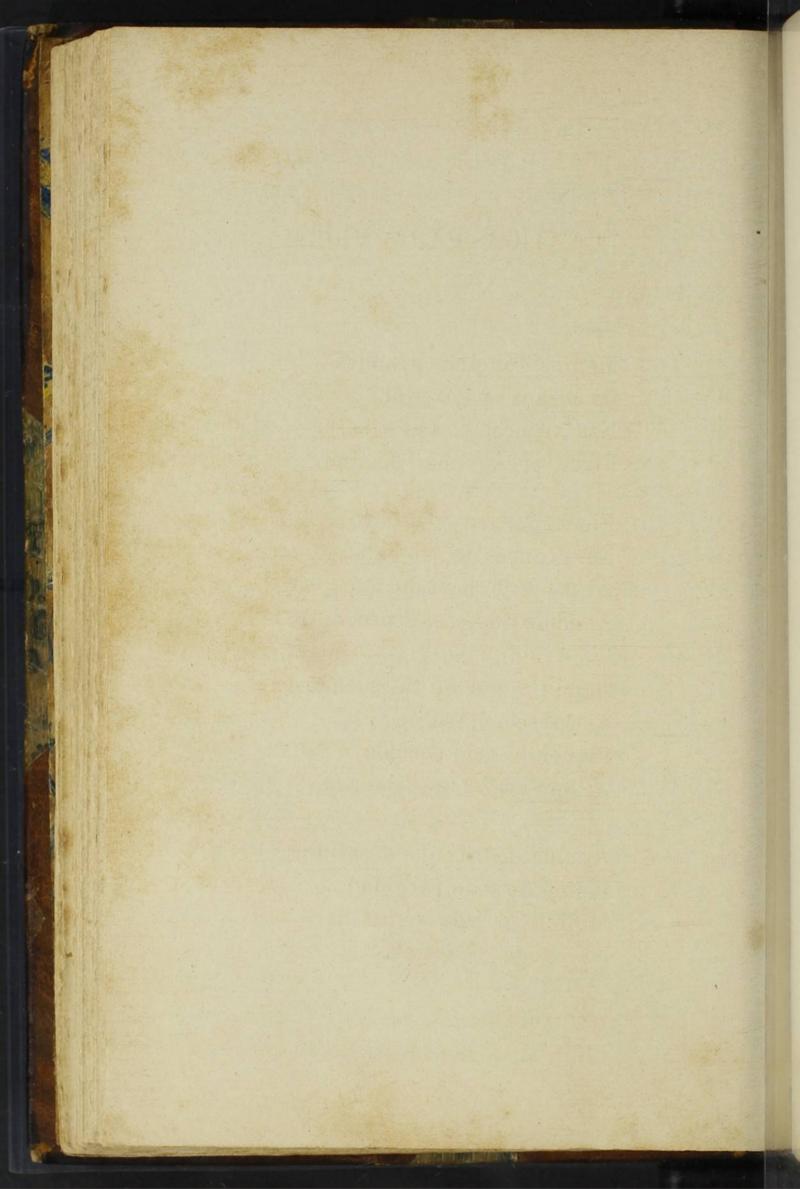
E prestas-te ao prazer de um rival que me opprime! Falsa como essa falsa, e tão sem fé assim, Para outro estás sendo o que foste p'ra mim, Mostrando a um outro olhar, que levas para ella, Que perfida que é, mas tambem como é bella!

-Oh poeta infeliz, não me accuses assim! Para t'a conservar, fiz o que estava em mim. Olhando a persegui, na hora do delicto, Emquanto não matou-me o seu cuidado afflicto: Hontem, tão fatigada ella mostrava estar Que apenas arrastava e a falla e o andar. Extincta já no espaço a lampada celeste, Accenderam-me a mim; deitou-se, e lhe disseste Que de seu corpo enfermo a debil languidez Um somno longo e casto implorava talvez. Abraçaste-a, partiste, ao vê·la adormecida. Mal sahiste, essa porta alli falsa escondida Abriu-se: loira fronte appresentou-se, vi Pela primeira vez um outro amante aqui. Então ella a tremer com a falla e carinhosa Dizia-lhe: « Não, và-se; eu sou bem criminosa. » E os braços lhe estendia, ao lhe fallar assim. O moço caminhava, e chegou perto emfim. Vi unirem-se então as duas boccas perfidas.

Dos flancos della vi o puro jaspe ardente, Lyrio, ébano, coral, um sangue azul e quente, Tal qual tu m'a mostraste outr'ora tanta vez, Mais formosa e gentil só com a sua nudez, Quando, em noites febris, o travesseiro a via Entre beijos dormir e acordar, e a alegria Gritos teus arrancava ao vêres-me luzir Complacente, e ella então maldizia-me, a rir. Embalde ao deus do amôr, que te julguei propicio, Pedi da voz que dá-me agora, o beneficio. Queria lhe exprobrar teus prantos, á infiel, Chamar-lhe ingrata e má, criminosa e cruel. P'ra ao menos acordar-lhe em o seio impudente O remorso, o terror, me agitei de repente, E da torcida a arder em ruidoso estalar, Fiz saltar chispas mil da chamma a crepitar. Descorou e tremeu, e, para mim olhando, Com voz desfallecida assim disse: «Pois quando, Cedendo-te ao desejo, eu consinto em callar, Ha de essa testemunha os perjurios contar!» Ia-se levantar; nos braços a apertando, « Oh! não apagues, não! » disse elle, a segurando.

Eu já cessei de arder: faze o mesmo tambem. Ella ama um outro, busca uma outra amante além. Sopra esse amôr infame, eu t'o aconselho, amigo, Como para apagar-me, o fez ella comigo.

S. Paulo, 1873.



CANTIGA PARA VIOLA

Menina dos olhos grandes, Do coração pequenino, Nas tranças do teu cabello Ficou preso o meu destino.

Ficou preso o meu destino
Nas tranças do teu cabello.
Ai pobre do meu destino!
Aonde é que eu fui prendê-lo!

Aonde é que eu fui prendê-lo! Ai pobre do meu destino! Fiquei de todo perdido, Ai que amôr! que desatino!

Ai que amôr! que desatino! Fiquei de todo perdido! Minh'alma vae arrastada Na cauda do teu vestido.

Na cauda do teu vestido Minh'alma vae arrastada. Aonde levas minh'alma? Aonde vae a coitada?

Tem pena da coitadinha, Tem pena do meu destino, Menina dos olhos grandes, Do coração pequenino.

Rio Bonito, 1874.

O GONDOLEIRO

C. DELAVIGNE

(A GUILHERME MARTINS)

« Vamos, bello gondoleiro,
Até Rialto, diz ella:
Dou-te este collar que trago.
Tem cada pedra tão bella! »
Mas recusa-lhe o rapaz:
« Pelo peior dos collares
Na minha gondola entrares!
Não, Gianneta; o que me dás? »

« Eu sei um doce lamento;
Posso cantá-lo, diz ella,
Em caminho de Rialto;
E a musica é tão bella! »
Mas recusa-lhe o rapaz:
« Ora! só por uns cantares
Na minha gondola entrares!
Não, Giannetta; o que me dás? »

Com o seu rosario nos dedos,

« Olha, quére-lo? diz ella:

O bispo benzeu-lhe as contas,

E tem uma cruz tão bella! »

Mas resusa-lhe o rapaz:

« Por uns benzidos de altares

Na minha gondola entrares!

Não, Giannetta; o que me dás? »

Canal em fóra, entretanto, Vi-o remar juncto della, E olhá-la entre sorrindo. O que lhe daria a bella? Sahiu confusa. O rapaz, Fiel á palavra dada, Voltou á gondola, e nada, E nada lhe pediu mais.

S. Paulo, 1873.

À MEIA VOZ

Aimez, car tout est là!

Não, amar-te, não amo, creatura:
Para amar-te não basta um peito humano.
Ouve! a musica cheia de doçura
Que soluçava ha pouco em teu piano,
Imita a adoração que, em culto ignoto,
Aos teus celestes dons timido voto.

Assim tambem a voz de meus desejos
Aos teus ouvidos trémula esmorece.
Dos labios a soltei—bando de beijos,
Mas ao chegar a ti—era uma prece...
Oh! dá-me ainda uma vez um doce engano
Nessa amorosa falla do piano.

As notas, ao nascerem de teus dedos, Cahem-me n'alma com celeste afago, Como alvôres de lua, entre arvoredos, Na lisa face de dormido lago. E quando a branda voz a medo alças, É como aura a gemer por entre as balsas.

Minh'alma, ouvindo a musica tão grata, Acima voga das sombrias máguas, Como, ao chorado tom da serenata, Batel azul a resvalar nas aguas. Ao teu piano ainda... um só momento... Adormece-me o triste desalento!

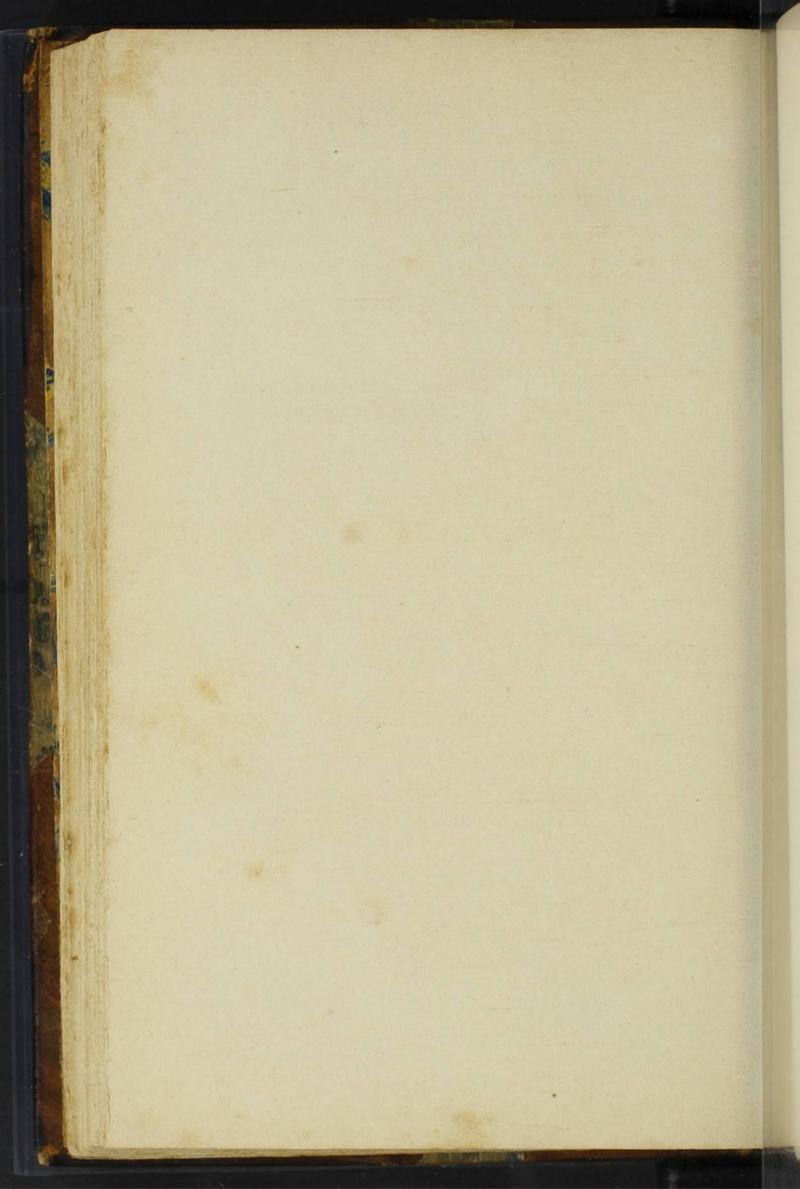
Oh! tu nem sabes que ambição, que anceio Ha nest'alma, coitada, que sómente Occulta os éstos no profundo seio E mostra a face plácida, dormente... ... Olha! os pallidos louros da poesia, Todos os déra pelo amôr de um dia!

S. Paulo, 1873.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

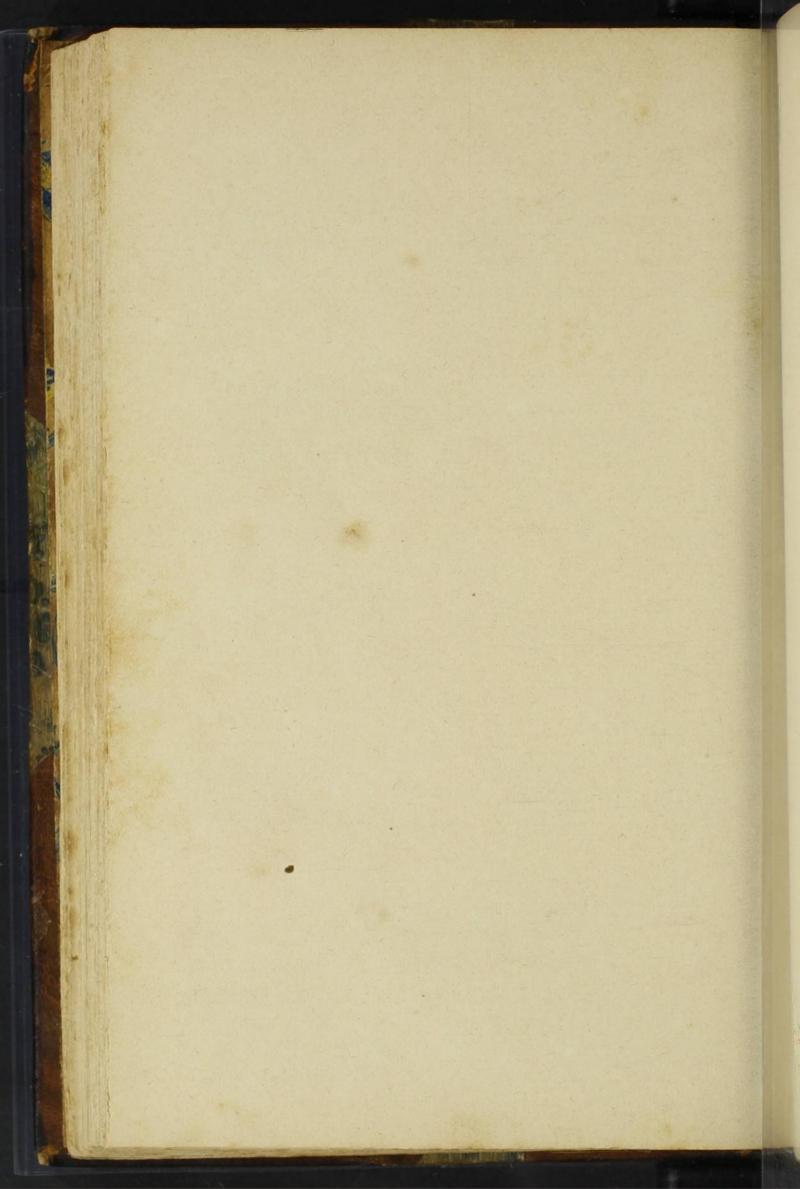
SEGUNDA PARTE

MUSA CIVICA



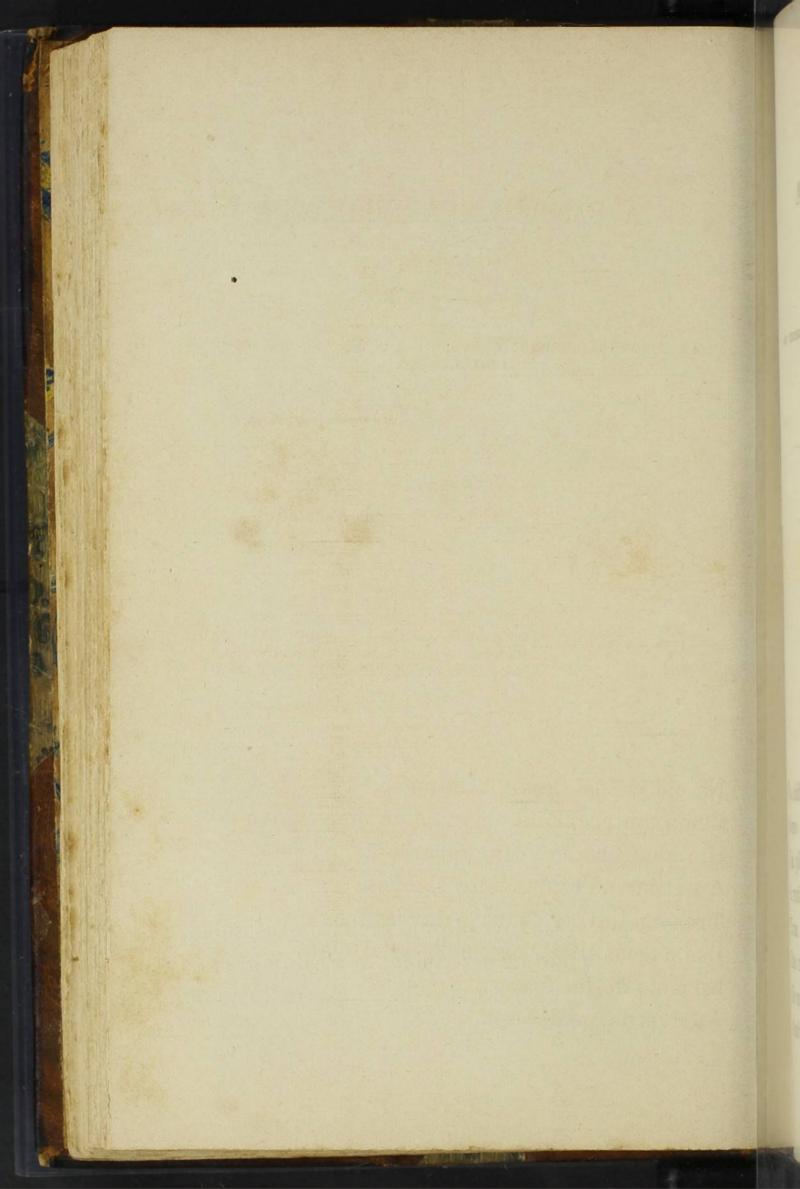
La République vient de Dieu! Vive la République!

PIERRE DUPONT.



À REPUBLICA

Oblação de um espirito profundamente convencido, e deslumbrado, dessa grande luz e dessa grande verdade.



A BANDEIRA APEDREJADA

AO CONGRESSO REPUBLICANO DE S. PAULO, NO DIA DE SUA INSTALLAÇÃO

In hoc signo vinces.

O République universelle, Tu n'es encor que l'étincelle, Demain tu seras le soleil!

VICTOR HUGO.

Auriverde pendão de minha terra, Que a brisa do Brazil beija e balança! Estandarte que a luz do sol encerra, E as promessas divinas da esperança!

CASTRO ALVES.

Na cidade de Cesar, alta noite,
Como um propheta em meio de uma orgia,
Um phantastico vulto apparecia
A rutilar de esplendidos signaes.
Traz em lettras de luz palavras sanctas...
Das nações livres os pendões hasteia...
No meio delles fraternal ondeia
Auriverde pendão sem nada mais!

O novo Balthazar, que se embriaga
Na taça do poder que já transborda,
Vacilla, e manda a famulenta horda,
Que a mesa serve dos festins reaes,
Contra a visão que lhe perturba a orgia!
Ladra a matilha que o senhor açula...
E em cima, calmo como a idéa, ondula
Auriverde pendão sem nada mais!

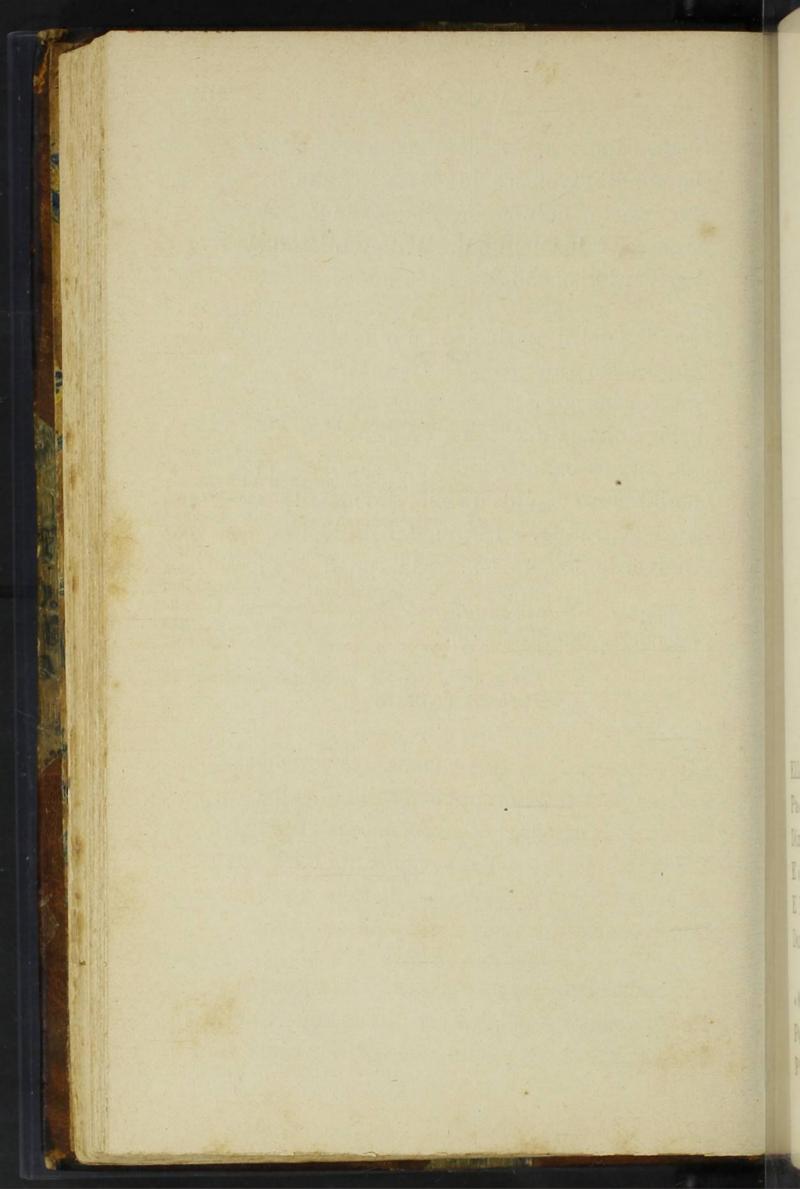
Ei-lo no meio das bandeiras livres
O vulto immenso, o semi-deus dos crentes!
É Castelar, o apostolo das gentes,
O tribuno dos grandes ideaes!
É o Moysés das gerações modernas,
Que leva o povo à Promissão dos povos!
Saúda-o, voz dos brazileiros novos,
Auriverde pendão sem nada mais!

Os novos phariseus lhe atiram pedras!
Apedreja-se o Christo desta edade!
O promettido este é da humanidade!
A nossa redempção este é que traz!
As suas sanctas leis são leis humanas!
Curve-se ás leis do povo a terra inteira!
Inscreve-as tu, bandeira brazileira,
Auriverde pendão sem nada mais!

Neste evangelho sagram-se os direitos! Esta é a lei da terra, que se move! Banha-se em plena luz de Oitenta e Nove Nossa bandeira — a das nações eguaes!
Clame, esbraveje a soldadesca infrene...
É o estertor de um corpo moribundo!
Erga-se, à luz em que naufraga o mundo,
Auriverde pendão sem nada mais!

Essa bandeira apedrejada é o hymno
Da geração que altiva se levanta!
Nas verdes côres a esperança canta,
A côr doirada diz riqueza e paz!
Guerra aos bandidos que nos roubam tudo!
Quebrem-se os élos da servil cadeia!
Erga-se grande, a resplender da idéia,
Auriverde pendão sem nada mais!

S. Paulo, 1º de Julho de 1873.



AD MAJOREM DEI GLORIAM

VICTOR HUGO

(A AMERICO DE CAMPOS)

« Com effeito, o nosso seculo é admiravelmente delicado. Imagina elle, porventura, que esteja completamente extincta a cinza das fogueiras? que dellas não reste mais nem um tição que accenda ainda um archote? Insensatos! chamam-nos jesuitas, julgando que nos cobrem de opprobrio! Mas os jesuitas lhes reservam a excommunhão, uma mordaça e fogo... E, um dia, hão de ser os senhores de seus senhores.

(O padre ROOTHAN, geral dos jesuitas, na conferencia de Chiéri.)

Elles disseram: « Nós vencedores seremos.

Padres pela sotaina e pelo ardil soldados,
Direitos, leis, progresso havemos derrocar,
E com os destroços disso erguer um forte havemos,
E lá p'ra nos guardar, quaes cães de fila irados,
Dos preconceitos crús a grey desaçaimar.

«O cadafalso é bom; é necessaria a guerra; Povo, acceita a pobreza, a ignorancia acceita: Para o inferno o tribuno em corpo e alma vae; O homem que nada sabe é o anjo da terra. Ha de a nossa legião, de força e astucia feita, Embrutecer o filho, amordaçar o pae.

« Nossa palavra, hostil ao seculo que passa, Ás turbas choverá da tribuna sagrada; Os tibios corações, ella os regelará, Matando o germen todo util e bom que nasça; Dissolver-se-ha depois como no chão a geada, E quem a procurar não mais a encontrará.

« Sómente... hão de ter frio as almas que escutavam E não arderá mais nenhum dos fogos sanctos; E si aos homens de então alguem bradar-lhes mais: — Salvae a liberdade: os vossos paes a amavam! Hão de rir (que virão de nossos negros antros) Da liberdade morta e de seus mortos paes.

« Padres, havemos ter uns motes muito sabios :

— Ordem, Religião, Familia, Propriedade :
E si, judeu, pagão, mouro ou bandido, alguem
Vier nos ajudar com o perjurio nos labios,
Archote e ferro em punho, ébrio de atrocidade,
A roubar e a matar, diremos : Está bem!

Vencedores, fataes, temidos, sem receio Havemos de viver, fortes no inaccessivel. Mithra, Christo, Mahomet bem pouco se nos dão! Reinar é nosso fim,—desterrar, nosso meio. E, si algum dia ouvir-se o nosso riso horrivel, As trevas da alma humana em sustos tremerão.

« Amarraremos a alma em profunda caverna. É o fellah do Nilo, ou é da Hespanha o frade O ideal da nação governada e servil. Rasão, direito, abaixo! a espada viva eterna! Cadella sôlta é a idéa, e mais nada, em verdade. Cadeia com Rousseau! Voltaire p'ra o canil!

« Si o espirito luctar, nós o suffocaremos.

Ao ouvido à mulher fallar baixinho vamos.

Teremos os pontões, a Africa, o Spielberg.

A fogueira morreu?—de novo a accenderemos;

Não podendo atirar-lhe o homem, lhe atiramos
O livro; em falta de Huss, queimamos Guttenberg.

« Quanto à rasão, que estende a Roma a audacia sua, Chamma accesa por Deus no humano craneo, aquella Que a Socrates luzia e guiava a Jesus, Nós, bem como o ladrão que roja e se insinúa, E começa, ao entrar, por apagar a vela, Furtivos, por detraz, sopraremos a luz.

« Na alma humana então será noite fechada. Sobre o anniquilamento é que o poder se apura, O que nos parecer faremos sem rumor. Nem um respiro, nem um bater d'azas, nada Se agitarà na sombra, e torre mais escura Do que a noite ha de ser nosso forte em negror.

« Reinaremos. A turba é onda que obedece.

O mundo ha de curvar-se à nossa força estranha;

Teremos o poder e a gloria no apogeu;

Sem medo algum, pois fé nem lei nos entorpece. .»

— Quando habitasseis jà das aguias a montanha,

De là, disse o Senhor, vos arancara eu!

1872.

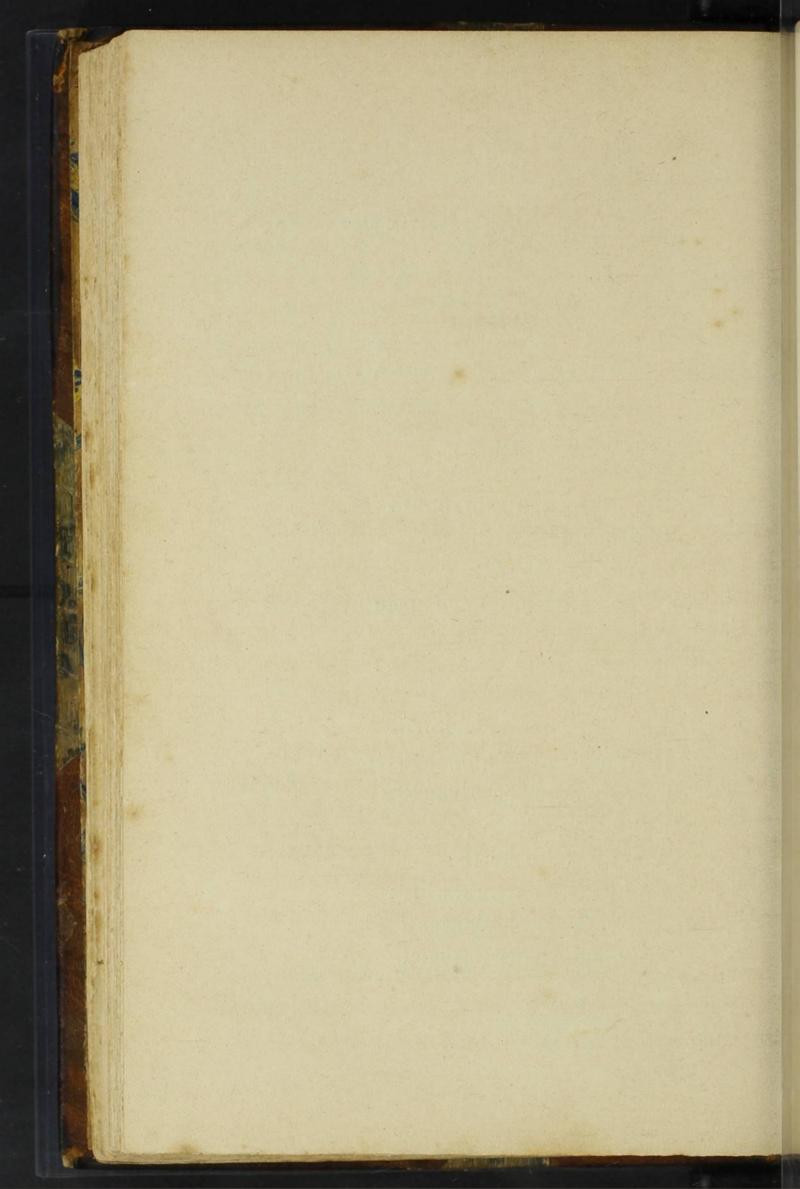
A COROA SUBMERGIDA

BALLADA DE UHLAND

(NO ALBUM DE A. MUNIZ DE SOUZA)

No alto da collina
Uma casinha ergue-se;
Um panorama esplendido
D'alli se descortina;
Livre trabalhador
Là móra, que, ao crepusculo,
Afia a foice, e canticos
Entôa ao Creador.

Embaixo, ha um sombrio
Pantano; alli submerge-se
Corôa em que jà viram-se
Fulgor e poderio;
À noite, ha a brilhar
Saphyras e carbunculos;
Alli està ella a seculos,
Ninguem a vem buscar!



AS MONTANHAS

FRAGMENTOS

(A CANDIDO DE MENDONÇA)

Quando ao magico verbo o nada fez-se mundo, E o oceano bramiu, e o sol brilhou fecundo, Deus fallou à montanha: « Em ti sempre acharà « A sancta Liberdade um refugio e um abrigo.» Veio o homem e o vicio e as aguas do castigo, E os eleitos de Deus pararam no Ararat!

Vem aos hebreus Moysés, biblico Xenophonte
Do povo peregrino. Ei-lo que sóbe a um monte,
— O Sinai — p'ra trazer as leis á multidão.
Erram pelo deserto... alenta-os a esperança...
E Moysés p'ra morrer ainda um monte alcança
—O Nebo,d'onde—ao longe—avista a Promissão!

Quando ao povo de Deus, passado, já proscripto, Dos Persas a Alexandre, e de Alexandre ao Egypto, Querem roubar ainda as crenças dos avós, Insurgem-se os fiéis á voz de Matathias, E têm os Machabeus nas broncas serranias A porfiada lucta— e a liberdade apóz!

Volvei o olhar agora a essa Grecia antiga,
Cujo nome immortal ainda não ha quem diga
Sem pasmo, e vêde alli o que as montanhas são!
— Luctam por ter Messenia os féros espartanos,
E o monte Ira defende, em sitio d'onze annos,
Os messenios heróes, que morrem à traição!

Galeras mais e mais arroja a Persia aos mares, E vão de um monteao péquebrar-se aos centenares! Vae com Xerxes um mundo, e pára, e não vae mais! Quem os detém? Sómente uns montes e uns soldados. Mas não, persas, passae! passae—que são tombados Os trahidos heróes, os gregos immortaes!

Grecia! Grecia! ai de ti! descendo vêm do norte As armas de Philippe... Elle não traz a morte, Traz a tua vergonha e traz os teus grilhões! Mas ainda tens heróes, ainda tens montanhas, Aonde vás salvar as tradições tamanhas, Aonde vão luctar teus ultimos leões!

E luctaram ainda, e muito!— a hora extrema Da Grecia foi ainda homerico poema! Que seu ultimo olhar ainda illuminou Sobre tanta ruina um vulto sobranceiro -Philopæmen-o achaico- o grego derradeiro! No sudario da Patria a Gloria o amortalhou!

Era na velha Roma. A realeza ousada
Morrêra com Lucrecia, a heroica deshonrada!
Mudára-se sómente o nome do senhor:
Já não era mais Tullio—o escravo enthronisado;
Não era mais Tarquinio;—agora era o senado.
Si não havia o rei, havia o dictador.

sanl

108,

18,

3

RSTE

mais

ados.

0,

Da longa escravidão está cançada a plebe.
Ella que tudo paga e que nada recebe,
Ella que seu suor gotta por gotta o dá
Aos patricios ladrões, abandona a cidade,
Vae para o Monte-Sacro... eis, surge a liberdade!
Quando d'alli voltou, tinha tribunos já!

Montes! que lenda a vossa! Á deusa foragida, Á Liberdade, sois baluarte e guarida!

Ergueram-vos de Deus as invisiveis mãos!

Oh! o monte Calvario!... ajoelha-se áquelle!

—Berço da eterna luz!— tribuna d'onde Elle

Os homens proclamou— livres, eguaes, irmãos!

'Stamos na média edade. O musulmano ardente Deixa as tendas da pátria, os sonhos do Oriente... A ambição o impelle, o enthusiasmo, a fé! Sonha já do outro mundo as plagas encantadas... « Está o paraiso á sombra das espadas », Allah lh'o prometteu por voz de Mahomet!

Desventurada Hespanha! a guerra fratricida
O seio gangrenou-lhe... e agora ei-la vendida
Pela facção infame ao invasor audaz!
Polue-se a donzella; a egreja é profanada;
Vence o Korão a Biblia; o alfange vence a espada;
E a onda da invasão avança mais e mais!

Não! não succumbe a Cruz ao peso das injurias! Em torno de Pelagio, em meio das Asturias, Inda ha gôdos leaes!... e a patria vive lá! É lá o altar da Cruz! E é lá dessas montanhas Que a aurora redemptora, oh terra das Hespanhas, Rubra de muito sangue, um dia surgirá!

Vêde a brava Suissa, os livres montanhezes!

Que tigres no luctar!... Austriacos, francezes,
Ella é pequena... e vós, vós tantos, recuaes?!

Venha Gessler sicario... inundem-na de Alfredo
Os assassinos mil, que á lucta não têm medo
Da livre patria agreste os filhos immortaes!

A tamanhos heróes sómente essas montanhas Foram digno theatro e são dignas peanhas! As ondas da invasão foram-se alli quebrar!
Loucura, insensatez de corôadas frontes!
Quem vencerá um povo em meio dos seus montes?
Quem domará na selva as sanhas do jaguar?

Oh patria brazileira! oh terra das montanhas!
Um embryão immenso agita-te as entranhas...
Tu sentes do futuro a grande gestação!...
Nossas almas viris—aguias das cordilheiras—
Remontam para o sol! Entre as livres bandeiras
Havemos de plantar teu grande pavilhão!

S. Paulo, 1871.

A CANÇÃO DO MOÇO MONTANHEZ

UHLAND

(A CAMPOS CARVALHO)

Sou o moço pastor da montanha; Os castellos do valle domino; Dá-me o sol sua luz desde a aurora, E comigo é que mais se demora; Sou o moço pastor da montanha!

Da torrente este é o berço materno, Bebo-a fresca ao jorrar do rochedo; Ella brame a saltar pelas brenhas, E eu recebo-a nos braços sem medo; Sou o moço pastor da montanha.

A montanha é o meu livre dominio,
Pelos lados a cercam procellas;
Quando rugem do sul e do norte,
Canto um canto mais alto do que ellas;
Sou o moço pastor da montanha!

Tenho aos pés o trovão e o raio, Pois que móro no céu azulado; Eu conheço-os de perto e lhes brado: Respeitae de meu pae os penates! Sou o moço pastor da montanha!

E no dia em que der-se o rebate, E eu vir fogos nos montes brilhando, Descerei e entrarei nas fileiras, A brandir minha espada, e cantando: Sou o moço pastor da montanha!

S. Paulo, 1873.

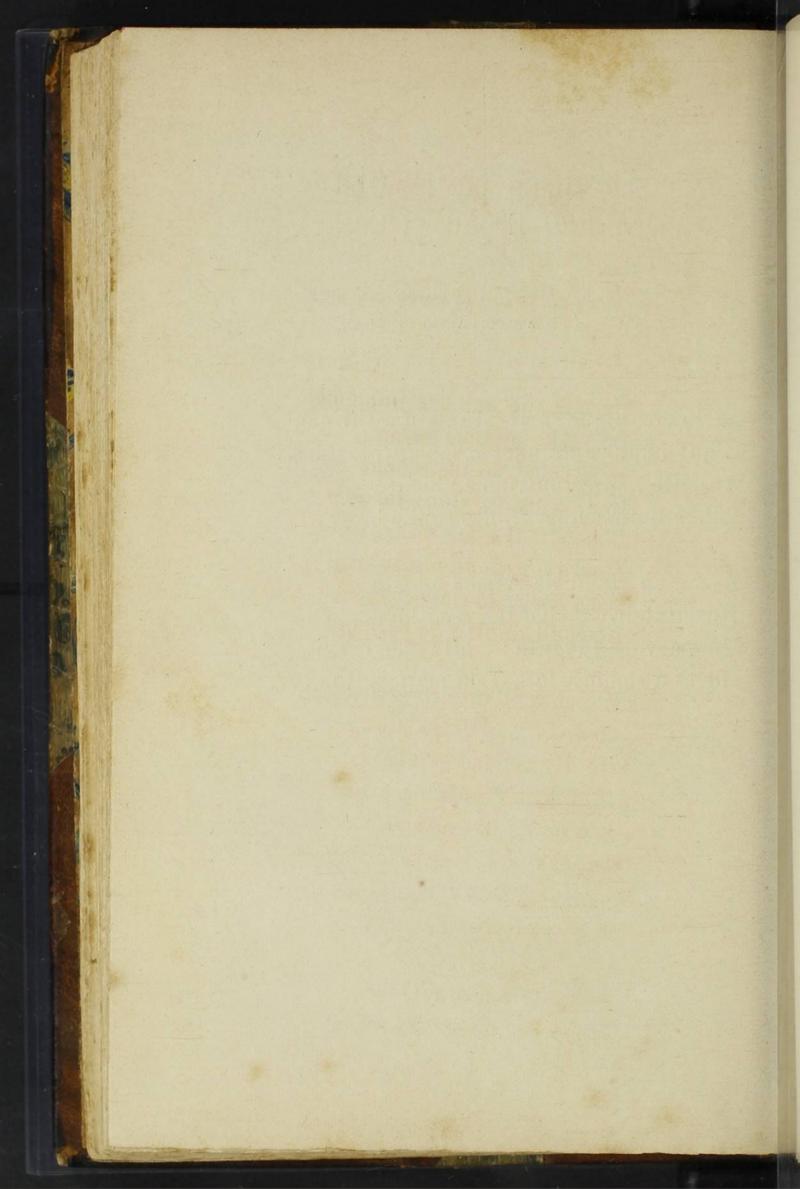
A PROTECÇÃO DOS REIS

(AO AMIGO CARMO CINTRA)

Ai do poeta que se accolhe a um throno, E que implora de um rei mão protectora! Ai delle! nesse putrido ambiente Pende-lhe morta a fronte sonhadora.

Assim ao viajor da Africa adusta Hospitaleiro abrigo lhe similha Uma arvore gigante; e elle adormece Morto á sombra lethal da mancenilha!

S. Paulo, 1873.



VOZES DO SECULO

(AO DR. J. M. VAZ PINTO COELHO)

Um dia, na sombra immensa
Do velho mundo pagão,

— Arrebol da luz eterna —
Brilha um fulgido clarão!
Depois... tragico e sereno
Morre o grande visionario...
Doce Jesus do Calvario,
Deus de amôr e de perdão!

E o mundo inteiro estremece
Quando o pallido Jesus
No derradeiro gemido
Inclina a fronte na cruz!
E o verbo incendiario
Propagou-se! — Liberdade!
Fraternidade! Egualdade!—
É a revolução da luz!

E das serenas alturas Onde Elle morreu, então Desce uma caudal de graça, Um luminoso Jordão... Ei-lo, inunda a terra inteira, Bom, sagrado, humanitario... Doce Jesus do Calvario, Deus de amôr e de perdão!

Então Themis, a Justiça,
A austera deusa sem dó,
A musa do estoicismo,
Viu que já não estava só...
A seu lado, luminosa,
Anjo bom da nova edade,
Erguêra-se a Caridade,
Que o christianismo gerou!

A arte, a bella impudica,
A núa grega, a visão
De Phidias e Praxiteles,
Velou as fórmas... e então
Viu-se a idéa— casta e sancta.
— Sancto revolucionario!...
Doce Jesus do Calvario,
Deus de amôr e de perdão!

E a poesia, a companheira Do velho Homero sem luz, A ébria amante de Horacio, De olhar langue e seios nús, Córa, — nova Magdalena... Pede álguem que o céu lhe ensine... Chama-se hoje Lamartine, Casta fronte, olhos azues...

Na alma da humanidade
Entra um divino clarão...
A mulher sente-se sancta,
O homem sente-se irmão.
A verdade, o bem, o bello
Brilham na alma-sanctuario!...
Doce Jesus do Calvario,
Deus de amôr e de perdão!

... Oh! mas eis que tudo muda Um negro genio infernal! Abysma-se o mundo em trevas, Na noite agita-se o mal! Nos corações morde o odio... Amarga n'alma a vingança... Ai! só sente-se a esperança Na mão que aperta o punhal!

Que horrenda tragedia é esta
Que em meio da escuridão
Invade o mundo, accendendo
As febres da indignação?!
Ah! destes demonios negros
Cada qual é teu vigario,
Doce Jesus do Calvario,
Deus de amôr e de perdão!

Elles — os sanctos obreiros — São uns bandidos, meu Deus! Cada padre é um Anti-Christo! Elles é que são atheus! Mais que Pedro —elles te negam Mil vezes, filho do Eterno! E o teu coração paterno Ferem mais que os phariseus.

Tu enxotaste do templo
Os mercadores— em vão!
Olha como mercadeja
Pio Nono — o vendilhão!
S. Pedro — porteiro infame —
Abre o céu a preços fixos!
Ai Christo dos crucifixos!
Ai sancta religião!

Ai! a Sancta Madre Egreja,
A esposa celestial,
Impõe as mãos ao carlista
— E abençõa-lhe o punhal!
Assim, outr'ora á Vendéa,
Velha beata assassina,
Deitou-lhe a bençam divina,
E fez-lhe o sancto signal.

Assim cobrira de bençams A Luiz Napoleão, Rei covarde e assassino,
Rei traidor e rei ladrão!
Como jà sagrára o Grande,
Tôrvo monstro sanguinario...
Doce Jesus do Calvario,
Deus de amôr e de perdão!

Assim,—divina creancice!—
A filha de Nazareth,
A meiga esposa do Christo,
Creança cheia, como é,
De vontades, um bom dia,
Quiz um fogo d'artificio,
E accendeu-se o Sancto Officio...
Pois é tão simples, não é?

Agora, na livre Hespanha,
Resuscitada nação,
Ei-los, os sanctos carlistas,
Bacamarte e cruz na mão!
Os bandidos arvoraram
Por bandeira o teu sudario,
Doce Jesus do Calvario,
Deus de amôr e de perdão!

Oh! attende, Deus piedoso!
Rezam trémulos aqui
Os catholicos romanos,
Que ainda esperam de ti

Um golpe de Providencia... Essas frontes inclinadas Têm umas visões doiradas... Sonham Saint-Barthélemy!

Sancto Deus de minha infancia!
Sagrada religião
Que minha mãe, de seus labios
Verteu-me no coração...
Oh! eu vos guardo comigo
Cá no intimo sacrario...
Doce Jesus do Calvario,
Deus de amôr e de perdão!

S. Paulo, 15 de Outubro de 1874.

O HYMNO DA PLEBE

Ça ira! Ça ira!

(A LUIZ GAMA)

Eis-nos de frente, à luz do dia erguidos!
Eis-nos de pé no turbilhão da praça!
Trema o tyranno! com o morrão ardente
Sua sentença a mão do Povo traça!
Eia, bandidos! a vingança espera!
Escravos vis, que vos chamaes soldados,
Vireis bater nos baluartes vivos
Dos nossos peitos de plebeus honrados!

Ha muito vemos, em feroz silencio,
Rolar aos pés da Lei, tôrva homicida,
As altas frontes dos tribunos martyres!
E o cadafalso — em vez da estatua erguida!
E em vez da Gloria — decretada a infamia!
E em vez da patria e os lares seus amados
— O exilio... É muito! Estão ardendo em brio
As nossas faces de plebeus honrados!

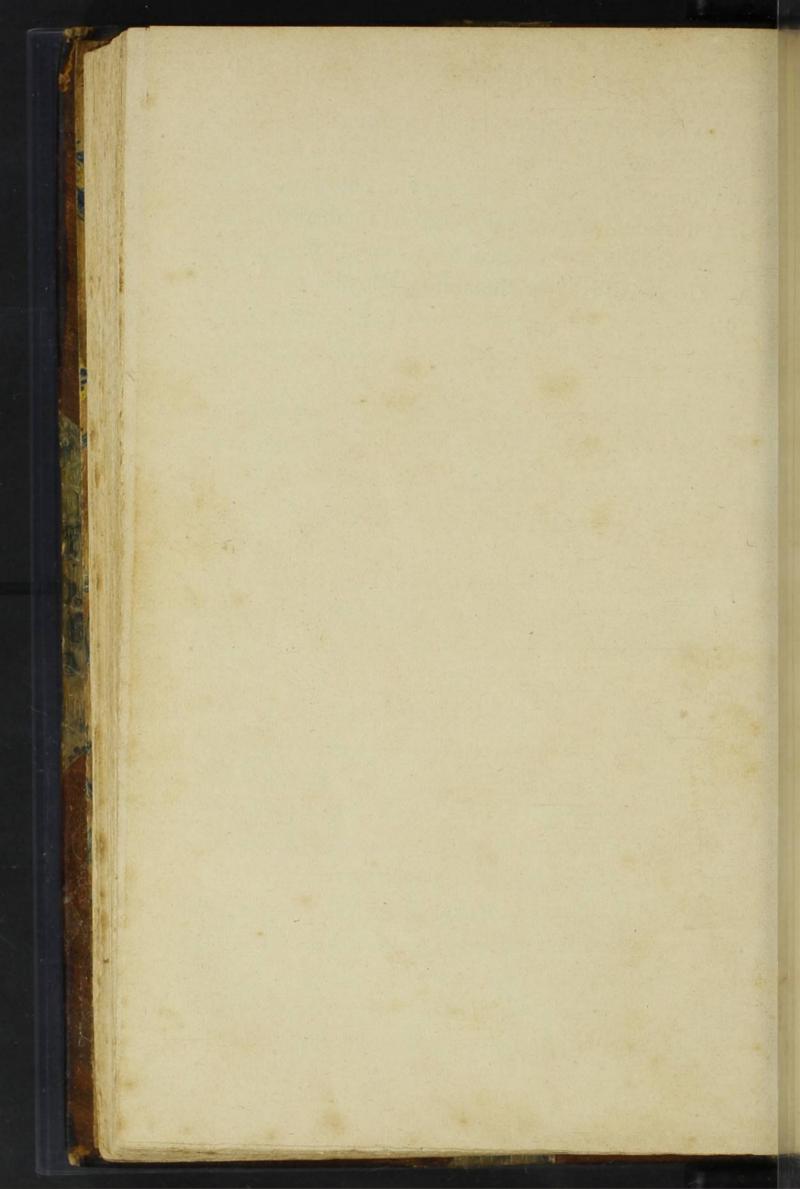
Ha muito tempo que estertóra em ancias O nosso peito comprimido e forte, E que sonhamos, no captivo somno, Uns sonhos negros de vingança e morte! Ha muito tempo em nossas almas francas Toca a rebate a consciencia em brados! Reage agora revoltado em fogo O nosso sangue de plebeus honrados!

Quando um tyranno nos assanha os brios,
Pula-nos dentro um coração serpente!
Em féros botes nos devora o peito!...
Surge na praça a barricada ardente!
A chamma oppressa se levanta incendio!
Eis-nos erguidos! com os grilhões quebrados,
Saltam na lucta com um furor de tigres
Os nossos braços de plebeus honrados!

Quando a cratera escancarada, horrenda, Vomita lavas, que sublime cousa!
São como as lavas as paixões do povo, E todo o throno n'um volcão repousa!
Os opprimidos se revoltam sempre!
É sempre a historia dos leões domados!
Eis-nos erguidos! só a morte curva
As nossas frontes de plebeus honrados!

Nunca! nem ella abaterá do Povo (A historia inteira das nações que o diga!) As livres frontes, que renascem novas Como as cabeças dessa hydra antiga! Morrer que importa? Com fervor votamos, Grandes, com a gloria dos heróes tombados, Da Liberdade nas sagradas aras As nossas vidas de plebeus honrados!

S. Paulo, 1873.



INDICE

| | | 1,1 | 10 | _ | | | | | | |
|----------------------|-------|------|-----|-----|-----|----|---|--|----|--|
| PREFACIO | • | | | | • | | • | | IX | |
| | | | | | | | | | | |
| PR | I M E | IR | A I | AR | TE | | | | | |
| MUSA DOS VINTE ANNOS | | | | | | | | | | |
| MOGA | DUS | , VI | NI | E A | NIN | 23 | | | | |
| | | | | | | | | | | |
| A | | • | • | | • | | | | 13 | |
| Aurora | | | • | | | | | | 15 | |
| A tarde | • | | | | • | | • | | 17 | |
| Alice | • | | | | | | | | 19 | |
| Morta | | | | | | | | | 21 | |
| Galathéa | | | | | | | | | 27 | |
| Galathéa | | | | | | | | | 29 | |
| Uma mulher | | | | | | | | | 31 | |
| Lusbella | | | | | | | | | 33 | |
| Angela | | | | | | | | | 35 | |
| Hinverno | | | | | | | | | 37 | |
| O anjo da guarda. | | | | | | | | | 39 | |
| O adeus | | | | | | | | | 41 | |
| O lenço branco. | | | | | | | | | 43 | |
| Voltando do mar. | | | | | | | | | 45 | |
| No intimo | | | | | | | | | 47 | |
| A familia | | | | | | | | | 49 | |
| A alma do outro | | | | | | | | | 51 | |
| 0:1 | | | | | | | | | 57 | |
| C. C. | | | | | | | | | 59 | |

Anniquilamento.

59

61

| Duas noites | | | | | | | 63 |
|--------------------|------|------|-----|--|---|---|-----|
| A menina do pous | | | | | | | 65 |
| A volta | | | | | | | 67 |
| Experiencia | | | | | | | 69 |
| O cavalheiro do lu | | | | | | | 73 |
| No anniversario de | | | | | | | 75 |
| Nuda anima | | | | | | | 77 |
| Anima plena | | | | | | | 79 |
| Ideal | | | | | | | 81 |
| Oitava rima | | | | | | | 85 |
| Os cantos dos mor | ibu | ında | os. | | 1 | | 87 |
| Corações e maravil | lha | s. | | | | | 89 |
| A sombra dos me | orte | os. | | | | , | 91 |
| Noite de luar | | | | | | | 93 |
| Hontem à noite. | | | | | | | 95 |
| A enjeitada | | | | | | | 97 |
| Borboletas | | | | | | | 99 |
| Adoração | | | | | | | 101 |
| A minha luz | | | | | | | 103 |
| A D. D | | | | | | | 105 |
| Pelo rio | | | | | | | 109 |
| Ave, Dea, moritur | | | | | | | 111 |
| Na matta virgem. | | | | | | | 113 |
| A lampada | | | | | | | 115 |
| Cantiga para viola | | | | | | | 119 |
| O gondoleiro | | | | | | | 121 |
| À meia voz | | | | | | | 123 |

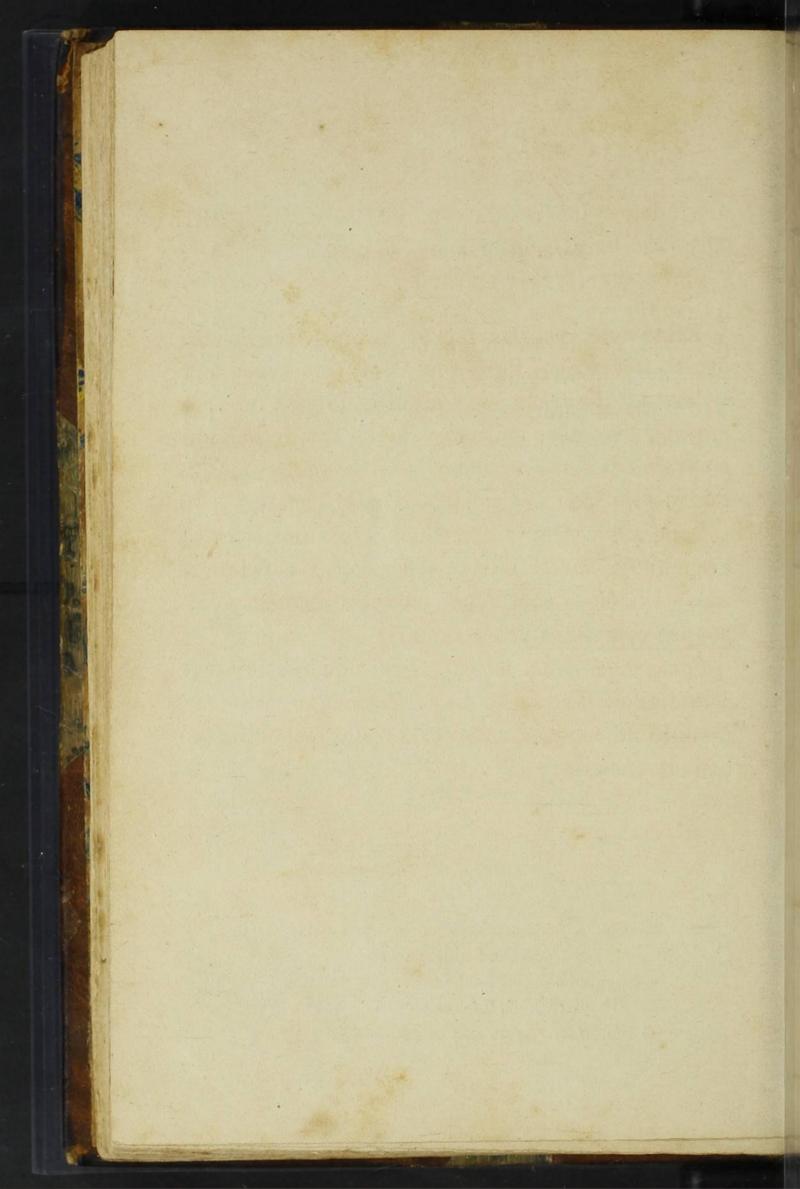
SEGUNDA PARTE

MUSA CIVICA

| A bandeira apedrejada | | | | | 131 |
|-----------------------------|---|---|---|---|-----|
| Ad majorem Dei gloriam | | | | | 135 |
| A corôa submergida | | | | | 139 |
| As montanhas | | | | • | 141 |
| A canção do moço montanhez. | | | | | 147 |
| A protecção dos reis | | • | | | 149 |
| Vozes do seculo | | | | | 151 |
| O hymno da plebe | | | | | 157 |
| NOTAS | | | | | 101 |
| NOTAD | • | • | • | | 161 |

FIM DO INDICE

Typ. «Cosmopolita, » rua de Gonçalves Dias, 19.



NOTAS

Morta — A menina do pouso

Estas duas poesias foram também traduzidas por F. Octaviano. Para que não se me aggrave a litteraria desgraça com a culpa de uma ousadia que não tive, devo em tempo declarar que quando emprehendi essas traducções não sabia que já houvessem sido feitas pelo eminente poeta.

A poesia de Uhland traduzi-a de uma versão hespanhola, muito livre, como depois verifiquei, confrontando-a com uma traducção franceza das poesias completas desse auctor.

Como uma compensação, aqui dou aos leitores a lindissima traducção de F. Octaviano, que tive a honra de receber offerecida pelo venerado e bondoso mestre:

A FILHA DA ALBERGUEIRA

Passam o Rheno tres mancebos: entram
No pouso da albergueira.

« Cerveja bôa e vinho bom... mas onde
Está a feiticeira,
A tua filha que de nós se esconde? »

« Vos dou cerveja fresca e vinho puro:

« Minha filha está morta

« Alli dentro. » Em profunda commoção

Da alcova abrindo a porta,

Viram os tres a moça em seu caixão.

Ergueu o véu e as faces contemplando
Da pallida donzella,
Disse o primeiro: « Oh quanto de hoje em dia,
« Virgem candida e bella,
« Si pudesses viver eu te amaria! »

Deixando o véu cahir e se afastando
D'alli, disse o segundo,
Em phrase que o soluço entrecort ava:
« Porque deixaste o mundo!
« Ha tanto tempo, oh virgem, que eu te amava. »

Retirando-lhe o véu, disse o terceiro:

«Não: meu amôr não finda:

«Beijo-te os labios frios com saudade:

«Amei-te, amo-te ainda,

«E hei de amar-te por toda a eternidade »

3 de Agosto de 1867- atravessando o Rheno.

As seguintes traducções: Uma mulher, de Heine, Os cantos dos moribundos, A corôa submergida e A canção do moço montanhez, de Uhland, e a elegia A D. D. de Miçkiewicz foran feitas de prosa franceza para verso portuguez. Seja-me isso levado em conta.

O lenço branco

A inspiração geral desta poesia não é completamente estranha álguma reminiscencia do Lenço d'ella, de Alvares de Azevedo.

A bandeira apedrejada

Toda esta poesia allude ao apedrejamento do edificio da *Republica*, pela policia, nesta côrte, em Fevereiro de 1872.

Achava-se a frente do edificio illuminada e adornada com as bandeiras de todas as nações republicanas. Entre estas havia a bandeira brazileira, mas sem a corôa que a macúla. Entre as bandeiras estava, n'um transparente, o retrato de Emilio Castelar. Liam-se em uma inscripção a gaz, sobre a taboleta da casa, estas palavras: Viva a Republica!

As montanhas

Este verso:

Loucura, insensatez de coroadas frontes

é quasi uma reproducção deste outro, de Castro Alves, nas suas Estrophes do Solitario:

Desvario das frontes coroadas!

